

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

ALEXANDRE DA SILVA OLIVEIRA

RELACIONAMENTOS A DISTÂNCIA E TECNOLOGIAS VIRTUAIS

João Pessoa

2019

ALEXANDRE DA SILVA OLIVEIRA

RELACIONAMENTOS A DISTÂNCIA E TECNOLOGIAS VIRTUAIS

Monografia apresentada ao
Departamento de Ciências Sociais da
UFPB, como requisito para a conclusão
da Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a Aina Guimarães Azevedo.

JOÃO PESSOA/PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48r Oliveira, Alexandre da Silva.
RELACIONAMENTOS A DISTÂNCIA E TECNOLOGIAS VIRTUAIS /
Alexandre da Silva Oliveira. - João Pessoa, 2019.
65 f.

Orientação: Aina Guimarães Azevedo.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Relacionamento. 2. Tecnologias Virtuais. 3.
Sociabilidade. 4. Relacionamento a distância. 5.
Ciberespaço. 6. Comunicação a distância. I. Azevedo,
Aina Guimarães. II. Título.

UFPB/CCHLA

ALEXANDRE DA SILVA OLIVEIRA

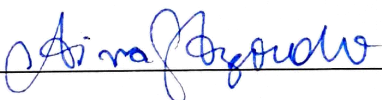
RELACIONAMENTOS A DISTÂNCIA E TECNOLOGIAS VIRTUAIS

Monografia do curso de Ciências Sociais, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba. Em cumprimento das exigências para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.


Aprovada em: 20 de setembro de 2019.

Nota: 8,5.


Banca Examinadora:



Profª drª Aina Guimarães Azevedo – DCS/ UFPB
(Orientadora)



Profª drª Luciana de Oliveira Chianca – DCS/ UFPB
(Examinadora)



Profª drª Teresa Cristina Furtado Matos – DCS/ UFPB
(Examinadora)

João Pessoa/ PB

2019

AGRADECIMENTOS

Durante a nossa caminhada, encontramos pedras e tropeços que dificultam a chegada aos nossos objetivos, e creio que diante de tanta adversidade, nada é em vão ou sem sentido. Cada caminho percorrido me trouxe dúvidas, mas também a luz da certeza de que eu não deveria parar. Em meu caminhar, encontrei pessoas que geraram grande influência sobre minha ótica de mundo, pessoas que muitas vezes falaram pouco e que sequer tenho laços íntimos de amizade, mas que conquistaram meu respeito e admiração por cada palavra de ânimo e determinação. Devo mencionar algumas dessas pessoas como, Maysa Carvalho, com sua centralidade intelectual e observadora, sempre foi responsável e dedicada como minha parceira de trabalhos acadêmicos, Estéfane Dantas, ser humano forte, que diante das dificuldades sempre propôs o melhor e encorajou a todos, inclusive a mim claro, com seus gestos atuantes.

A minha coordenadora de projetos Dr. Luciana Chianca, por me conceber oportunidades de explorar o meu potencial em seus projetos acadêmicos, uma mulher de atitude e façanhas admiráveis. Agradeço a minha orientadora Prof^a Aina Guimarães Azevedo, uma profissional de extrema competência e atenciosa.

Aos meus pais, Ismael e minha saudosa mãe Ana, que estiveram sempre fazendo o possível para que tudo na minha vida desse certo, que torceram por mim sempre, e aos familiares com palavras de motivação. A todos os amigos e amigas de curso e aos professores que não foram citados, meus sinceros agradecimentos, todos vocês tiveram sua parcela de contribuição na minha vida como ser humano e como acadêmico.

Em agradecimento especial, vai para um ser humano sem igual que foi o meu maior exemplo de vida e determinação. O texto que se segue fala sobre o maior amor do mundo.

Não sei o molde e nem como fora criado tal ser humano extraordinário.

Uma mulher que nasceu em meio as dificuldades, assim como uma lotus branca em busca da luz do sol.

Uma mulher que jamais desistiu da própria vida, ainda que todas as barreiras se transpusessem em seu caminho.

Que mulher é esta que resiste a tanto, que ainda sem perder a sensibilidade, a feminilidade, luta sem baixar a cabeça?

Essa mulher também chora, mas faz valer cada lágrima.

Essa mulher é forte, mas não é da força física que falo, é da força capaz de mover pessoas, de inspirá-las e torná-las melhores.

Pensei saber muito sobre ela, mas não, estava enganado, pois descobria e aprendia todos os dias sobre quem era esta mulher.

Ser divino capaz de gerar a vida de forma tão perfeita, assim como a natureza em todo seu esplendor.

Quantas peripécias maldosas a vida lhe fez?

E quantas quedas sofreu, e quantas vezes
levantou com seus joelhos machucados?
Quantas vezes sofreu em silêncio para proteger
quem amava?

Mulher virtuosa, não creio que foste feliz na
mesma medida da tua grandiosidade.

E teu conhecimento foi bastante para transformar
vidas.

Mas não conseguiste transformar a tua como
merecias, a vida não foi justa, e talvez não seja a
vida, e sim o que escolhemos ser e fazer nela.

A vida lhe trouxe enfermidades, mas não
conseguiu tirar de você a vontade de lutar.

A vida foi agressiva lhe deixando cair em
enfermidade, mas você lutou, lutou bravamente.

Mostrou a todos que mesmo no fim, ainda
podemos reagir e que se for pra morrer que seja
lutando.

Obrigado por tudo, obrigado por me
tornar o homem que sou hoje.

Obrigado, Mãe.

Alexandre da S. Oliveira.

Resumo

O presente trabalho destina-se a compreender a manutenção dos relacionamentos afetivos de pessoas que se encontram em estado de convivência física intermitente e que usam as tecnologias virtuais para a se contactarem.

Pretende-se também apresentar uma breve explicação sobre as formas de comunicação a distância a exemplo das cartas, cartões postais até chegar às ferramentas de contato virtual atuais, refletindo sobre como cada meio de comunicação foi significativo nas relações interpessoais.

Para o andamento do trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas e recrutamento de pessoas que atendessem aos requisitos da pesquisa, dentre os quais: ter constituído a relação fora do campo virtual, ter passado pela experiência de uma relação a distância mediada por meios digitais de comunicação ou ainda estar na condição de convivência intermitente. Foram entrevistadas 10 pessoas para a análise de experiências e compreensão das possíveis dificuldades e formas propostas pelos participantes de lidar com a dinâmica das ferramentas de comunicação a distância. Por fim as conclusões e considerações das análises da pesquisa.

Abstract

This paper aims to understand the maintenance of affective relationships that are in a state of intermittent physical coexistence, while using virtual technologies to contact each other.

It is also intended to provide a brief explanation of the forms of distance communication exemplifying letters, postcards and the current virtual contact tools, reflecting on how significant each means of communication was in interpersonal relationships.

For the course of the work, bibliographic searches and recruitment of people who met the research requirements were performed, including: having formed the relationship outside the virtual field, having gone through the experience of a distance relationship mediated by digital means of communication or still in the condition of intermittent coexistence. Ten people were interviewed to analyze their experiences and understand the possible difficulties and ways proposed by the participants to give them dynamic communication tools. Finally the conclusions and considerations of the research analyzes.

Sumário

Prólogo	11
Introdução	17
Roteiro metodológico.....	18
Organização deste trabalho.....	23
Capítulo 1: “Parece até que as pessoas guardam as palavras mais bonitas para serem escritas em papel”	25
1.1 Cartões Postais.....	25
1.2 As Cartas.....	26
Capítulo 2: Os novos espaços de sociabilidade	31
2.1 Internet: O espaço virtual.....	31
2.2 Novos espaços de sociabilidade.....	32
2.3 A presença no ciberespaço.....	33
Capítulo 3: O encontro com as pessoas	36
Entrevista 1: Elias Oliveira.....	38
Entrevista 2: Alessandra Oliveira.....	40
Entrevista 3: Johannes Warwick.....	42
Entrevista 4: Nadja Silva dos Santos.....	44
Entrevista 5: Jesiane Freire e Stéphanie Rêgo.....	46
Entrevista 6: Ronaldo Tavares.....	49
Entrevista 7: Maria Ana.....	53
Considerações sobre as entrevistas.....	57
Considerações finais	61
Referências	65

Prólogo

Quando me interessei pelos relacionamentos a distância e, aliado a isso, às tecnologias virtuais, tive como ponto de partida dois motivos principais. O primeiro motivo relaciona-se aos meus pais - em especial, a minha saudosa mãe -, pois ambos passaram por essa experiência da relação física intermitente. E segundo, pela inquietação de querer compreender como as demais pessoas que, assim como eu e meus pais, tiveram a experiência da distância em seus relacionamentos afetivos, administravam essa ausência por meio das ferramentas virtuais de comunicação.

Ainda em dúvida sobre o tema definitivo para minha pesquisa, passei a fazer algumas leituras sem compromisso e não encontrava nada sobre o que eu estava propondo como trabalho de conclusão. Havia algumas similaridades, mas nenhum artigo ou texto falava diretamente sobre o que eu pretendia estudar. Eu já estava me convencendo de que minha pesquisa seria sobre relacionamentos a distância, com períodos de convivência, relacionamentos com presença física intermitente.

Em 2014, após a separação dos meus pais, eu já havia ingressado na UFPB no curso de Ciências Sociais. Os anos de 2015 e 2016 foram difíceis, pois minha mãe estava doente, precisando de cuidados. Por infelicidade, ela veio a falecer em 2016. Foi aí que decidi realizar uma última homenagem aos meus pais e, especialmente, para minha mãe que sempre me impulsionou a seguir adiante, não importasse as dificuldades. Foi difícil, mas segui em frente. Durante um bom tempo, me senti intrigado com as mudanças de comportamento das pessoas que me cercavam e até mesmo de estranhos que, sem querer, eu observava em suas relações com o celular e as redes sociais. Não que eu mesmo não participasse e interagisse com as novas formas de comunicação, cada vez mais interessantes e atrativas.

Eu tinha uma certa aversão à informática em geral, mas em 1997 acabei sendo influenciado por um amigo que estudava programação, Alexsandro Lourenço. Ele me falava da importância que a informática teria nos próximos anos e que seria bom acompanhar isso. De fato, Alex estava certo, porém como eu não possuía computador, me parecia distante essa realidade prática da informática. No início, fiz uso das pequenas *Lan Houses* (as casas de acesso à *internet*) que surgiam na cidade de Cabedelo onde resido.

Outra pessoa que foi de fato a mais importante no meu interesse por informática, foi a minha mãe, Ana Lúcia. Minha mãe era uma pessoa simples, humilde, sempre se projetando para o amanhã. Ela decidiu me pagar um curso de informática e eu percebendo

as nossas condições financeiras, não achava certo aquilo, me incomodava e, por outro lado, eu ainda não tinha um computador para praticar o que estudasse no curso... Ainda que não concordasse, fiz o meu primeiro curso e desde então já percebia como as pessoas na escola de informática que eu frequentava estavam dialogando sobre conversas *Online*, algo que ainda era recente através do *ICQ*¹. Mas tudo era muito precário no tocante ao acesso à *internet*.

Meu primeiro contato com a *internet* foi através de uma conexão discada. Era terrível, porque o sinal de dados com o de voz entravam em conflito na época, não tinha filtragem, a ligação era feita a partir de uma linha telefônica compartilhada. Ou seja, na mesma linha trafegavam dados para *internet* e voz para o telefone fixo. O custo alto e as péssimas condições de navegação pela *internet*, não resultavam em boa experiência.

Quanto à comunicação *Online*, foi através do *ICQ* — cuja sigla era uma espécie de trocadilho com a pronúncia das letras em inglês *I Seek You* que, ao traduzir para o português, seria algo como “eu procuro você” — que percebi realmente as possibilidades que a informática poderia ter. O programa *ICQ* foi lançado em 1996, mas só tive contato com ele a partir de 1999, quando eu tinha 18 anos de idade. Particpei de algumas conversas *Online* pelo *ICQ*, mas não compreendia bem a dinâmica da coisa, pois era um universo totalmente novo onde a presença, ou seja, a visibilidade da outra pessoa era limitada a palavras e nada mais.

Então, acompanhei a informática e a evolução das coisas que ela promovia, como programas, jogos, interações por meio de salas de bate papo e informações para trabalhos escolares, o que para mim era o ponto alto, já que era algo rápido e fácil de explorar. Ao conseguir o primeiro computador — presente dado pela minha mãe —, mergulhei de cabeça para entender ainda mais os diversos recursos que a informática poderia me proporcionar na época. Nesse mesmo período meu pai resolveu viajar para o Rio de Janeiro e tentar um emprego melhor.

Recordando as dificuldades e a forma como meus pais tratavam seu relacionamento a distância, dei-me conta de como essa experiência poderia ser interessante para pensar como os casais lidam com o distanciamento, ao mesmo tempo que fazem uso de recursos virtuais para manterem sua relação em contato.

Descreverei, a partir de agora, um breve histórico da minha experiência e a dos meus pais dentro da abordagem que proponho para este trabalho que é: o relacionamento

¹ *ICQ* é um programa de comunicação instantânea, o pioneiro dos programas do gênero na internet. Fonte: <https://www.significados.com.br/?s=icq> - Acesso em: 12 de Junho de 2018.

entre casais que se encontram distantes por algum motivo e precisam se comunicar fazendo uso das tecnologias que conhecemos hoje.

No ano de 2004, Ismael, meu pai, passou a trabalhar no meio náutico. Era uma jornada de trabalho exaustiva, das 04:30 às 18:30 com um intervalo de duas horas para a refeição, sendo essa uma carga de trabalho diária por trinta dias consecutivos sem direito a feriados. O tempo em que ele permanecia no mar variava de acordo com as demandas da empresa e as situações imprevistas de substituição de funcionários, o que, às vezes, dobrava seu tempo de trabalho. Mas em média, seu exercício era de 2 a 3 meses. Durante o tempo em que meu pai se encontrava no mar, a comunicação entre ele, minha mãe e eu, era difícil. Para manter contato conosco, ele utilizava o equipamento do navio que usava tecnologia via rádio. E nem sempre isso era possível.

Como meu pai me explicou recentemente:

A princípio, quando embarquei, logo eu tive muita dificuldade. Primeiro porque eu não tinha aparelho de telefone móvel, e mesmo que tivesse comprado um, eu não teria condições de me comunicar, porque o sinal do telefone depois que nós nos afastávamos da costa, nós perdíamos o sinal, só funcionava quando estávamos em terra. E a comunicação era aproximadamente a cada 15 dias ou a cada 30 dias quando o navio aportava pra abastecimento, aí eu ligava pra casa pra saber como estavam as coisas...(Entrevista com Ismael, 2018).

Em meio a esses problemas de comunicação, o telefone fixo era essencial para os meus pais, pois nem um dos dois tinha conhecimento de informática, o que facilitaria bastante já que na época já se viam as casas de acesso à *internet*. Por não saber lidar com informática, meu pai se restringia ao telefone público apenas quando o navio atracava em algum porto para abastecer. Depois de se comunicarem apenas por meio do telefone fixo durante cerca de um ano e meio, meus pais resolvem pagar planos de comunicação de voz oferecidos por operadoras de telefonia móvel. Meu pai então abandonou o telefone fixo devido ao alto custo e abandonou também os famosos orelhões(telefones públicos), passando a fazer uso do celular para falar com a minha mãe.

Mas devido às limitações de sinal em alto mar — que ainda era um problema para os celulares — as mensagens de texto se fizeram presentes. Ainda que poucas, essas contribuíam para a comunicação de notícias sobre a família ou problemas que estavam pendentes de serem resolvidos. As chamadas de voz, com sinal satisfatório, só se davam

mesmo quando meu pai se encontrava aportado. Os navios trabalhavam com ligações via rádio, o que deixava o custo de uma ligação muito mais cara, por esse motivo, era preferível o uso das mensagens de texto por celular. Com o sinal fraco ou inexistente nas redes de telefonia móvel quando em alto mar, a execução de um contato era realmente problemática. Minha mãe comentava sobre as mensagens de texto que recebia dele e que estava mais fácil de se comunicar e com menos gastos. Vi que o telefone fixo não dava muita privacidade para ambos e com o celular, quando meu pai aportava, as conversas tornavam-se mais privadas, das quais, é claro, eu não tomava conhecimento por questões óbvias de educação.

Por vezes, ouvia minha mãe reclamar sobre os problemas que começavam a surgir com os celulares. As operadoras eram muito deficientes com sinais que, vez ou outra, caíam interrompendo diálogos importantes como, por exemplo, despesas da casa e gastos com exames médicos, sem contar com as conversas particulares que diziam respeito apenas a ambos. Havia certos aborrecimentos, pois algumas coisas necessitavam da presença e/ou da orientação do meu pai para serem resolvidas, como determinadas situações que diziam respeito a ele e a seu trabalho, a exemplo do envio de documentos e etc.

Mas como fazer isso fluir quando as fontes de comunicação sempre falhavam nas horas de extrema necessidade? Pensando nas coisas que aconteciam e buscando um modo de resolver melhor tudo que necessitava de atenção imediata, passei a orientar a minha mãe no uso do computador. Minha mãe, ao contrário do meu pai, era uma pessoa mais flexível e interessava-se pelas tecnologias. Após apresentar para ela o MSN² Messenger, ela decidiu fazer um curso de informática para melhorar suas aptidões.

Em 2006 criei *e-mails* para ambos que, apesar de não utilizarem o serviço para se corresponderem, serviu para enviar possíveis documentos caso meu pai necessitasse. Como outra alternativa, eles se renderam ao MSN pela possibilidade de conversas em chamadas de vídeo. Com a *internet* ainda precária, a experiência ficava comprometida pelos atrasos de imagem e áudio que não processavam, às vezes, em tempo real. Ainda assim, esse foi um passo para melhorarem sua comunicação: eles podiam se ver. Por um lado, isso foi bom para matar a saudade de todos, mas em especial, entre meu pai e minha mãe. Entretanto, ver um ao outro também teve um efeito reverso: a timidez bloqueava a conversa entre ambos. Havia apenas um computador na casa que ficava na sala de estar.

² *MSN Messenger* foi um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999. Fonte: <https://www.significados.com.br/?s=msn> - Acesso em 12 de Junho de 2018.

Percebi que nenhum dos dois sentia-se realmente confortável. Meu pai, por exemplo, ainda necessitava da ajuda de amigos do trabalho para manusear a ferramenta.

Então, ao invés das chamadas de vídeo proporcionarem conversas mais íntimas, elas funcionaram, na verdade, como meio de matar a saudade de ver todos que estavam distantes. Para conversas íntimas em que a privacidade era garantida, meus pais se voltaram para o celular novamente.

Com o tempo, minha mãe já dominava o básico de informática e conseguia realizar tarefas simples que atendiam suas necessidades, seja para o trabalho ou para se comunicar. Ela sempre reclamava da resistência do meu pai em não aprender a fazer uso “dessas coisas” — como ela dizia. Quando minha mãe estava dominando melhor alguns recursos como o *e-mail*, ela também queria que meu pai fizesse o mesmo. Acredito que ela via no *e-mail* o que ela encontrava no celular, a privacidade.

Entendo que a privacidade era algo importante para eles. É claro que a distância, no meu entendimento na época, comprometia de certa forma a relação deles. Apesar de não estar sempre a par dos assuntos pessoais entre eles, eu percebia a atmosfera de desentendimento que se dava pelos problemas técnicos do celular, especificamente das redes de telefonia móvel. Não que o uso do celular fosse o problema, não se tratava de conversas mal resolvidas ou mal interpretadas, mas a dinâmica de comunicação era outra e ambos tinham que se adaptar as questões de tempo e espaço para as respostas que faltavam quando a ligação caía. Não era fácil, mas era o que eles tinham e precisavam usar este meio e aproveitar o máximo dele.

A busca por melhores condições de vida, fez meu pai seguir uma carreira marítima e o preço disso foi se manter distante da família e amigos. Lembro que uma vez ele retornou para casa e ficou cerca de 15 dias apenas, pois a empresa o havia escalado novamente para substituir um funcionário. Foram natais, festas de aniversários, datas importantes para a família, dentre outras coisas que foram sendo perdidas ao longo do tempo em que ele trabalhou como marítimo.

Como meu pai disse: *Eu tive muita dificuldade. Como eu estava distante, eu ia pro orelhão, ligava pra casa e perguntava... E, às vezes, faltavam palavras, o eu emotivo começava a aflorar e a gente perde assim uma certa condição* (Entrevista com Ismael, 2018).

Para o meu pai, o celular foi de grande importância para aquele momento vivido por ele e minha mãe. Sem o celular, a dificuldade de estabelecer contato criava, segundo ele, um distanciamento ainda maior e com o uso do celular isso foi amortecido: *Não houve*

desentendimento em momento algum, facilitava muito as conversações, trazia coisas prazerosas, notícias boas e más (Entrevista com Ismael, 2018).

Vivenciando de uma maneira indireta todas essas experiências dos meus pais (e também de um tio, sobre quem falarei no terceiro capítulo), me senti provocado a entender como essa forma de relação que se dava a distância, mas com intermitência, poderia modificar de alguma maneira a relação entre os casais que estavam nessa condição. Pensava vagamente como isso estava possivelmente afetando a vida conjugal dos meus pais e a do meu tio com sua esposa. Mas sem nenhum conhecimento que fundamentasse o que eu pensava, não passava de “achismos”.

Quando entrei para o curso de Ciências Sociais, acreditava que meu trabalho de conclusão de curso seria na área de educação voltado para sala de aula ou problemáticas da educação, pois sempre tive interesse pela área. Mas, recordando tantas experiências, e pensando em como todas elas tiveram uma influência progressiva na minha vida, até os dias de hoje quando busco entender as relações humanas particulares, acabei sendo motivado a estudar os relacionamentos e as tecnologias virtuais de comunicação.

Introdução

Neste trabalho, me proponho a pesquisar as relações a distância e o uso das tecnologias virtuais. Diante das mudanças constantes nos recursos de comunicação para atender às demandas de um mundo globalizado, achei pertinente tratar do tema a partir do ponto de vista das pessoas que se encontram longe de seus lares e que se comunicam através das novas tecnologias. A presente pesquisa parte de uma curiosidade com relação a uma experiência familiar. Observando que meus pais e parentes fizeram uso das ferramentas de comunicação virtual no momento em que se encontravam distante de seus cônjuges, comecei a pensar sobre a forma como se davam as relações entre os meus familiares, sobre a manutenção ou possíveis rompimentos dessas relações por meio da comunicação virtual. Em suma, passei a refletir sobre os efeitos da comunicação virtual em relacionamentos duradouros e estáveis que, no entanto, experimentam períodos de distanciamento.

Seguindo com o exemplo da experiência dos meus pais, observei como a relação entre eles era complicada ao se comunicarem virtualmente. Ainda que a comunicação virtual fosse útil para estabelecerem contato — oscilando entre telefone fixo (poucas vezes usado), celular, MSN Messenger e video-chamadas por computador —, as conversas eram rápidas e com pouca demonstração de carinho.

Com essas questões em mente, o presente trabalho destina-se a compreender a manutenção dos relacionamentos afetivos por meio da comunicação virtual, tendo como foco casais que já tiveram suas relações estabelecidas antes do contato virtual, mas que se encontram distantes em períodos intermitentes, seja por trabalho, estudo e etc. Ou seja, busca-se compreender como casais em estado de convivência física intermitente, encaram as ferramentas de comunicação virtual com relação ao impacto de longos períodos de distanciamento. Em meio as pessoas que entrevistei, há uma exceção: um casal que se conheceu no ambiente virtual (algo que eu não estava buscando investigar) e que teve a experiência da comunicação a distância depois de firmar o relacionamento pessoalmente.

A pesquisa se baseia em entrevistas, conhecimento dos espaços de comunicação virtual e conhecimento do modo como se estabelecem as relações nesses espaços. Partindo do pressuposto de que as comunicações virtuais causam efeito nas relações afetivas, proponho-me a identificar quais os efeitos dessas novas comunicações.

A partir de entrevistas com pessoas que se encontravam na condição de afastamento temporário de seus pares e, por tal motivo, estabeleciam seus contatos no

campo virtual, pretendi coletar a percepção e sentimento de cada um com relação a esses espaços virtuais de comunicação. Entre meus objetivos estão a compreensão de como as relações se estabelecem nos espaços virtuais, quais os mecanismos de interação estabelecidos e as formas de ressignificação das relações no campo virtual atualmente. O trabalho apoia-se também em pesquisa bibliográfica que aborda temáticas sociais de relacionamentos presenciais, relacionamentos virtuais e adventos tecnológicos de comunicação.

Roteiro Metodológico

No processo metodológico do meu trabalho, não poderia deixar de lado as minhas experiências, pois foram elas que motivaram a presente pesquisa. As vivências com parentes e amigos me trouxeram até este momento. Por tanto, trazer não só as minhas sensações e sentimentos, mas também as sensações e sentimentos das pessoas que me cercavam, era necessário, não apenas para ilustrar, mas para dialogar com as minhas observações a respeito do tema que proponho. Ouvir, sentir e captar nas palavras de cada um suas sensações privadas fez parte deste processo metodológico.

Isso ocorreu nas conversas particulares com meu pai, no bate papo com meu tio e na “brincadeira” — que se tornou um experimento etnográfico – com minha amiga Maysa, quando me dispus a enviar uma carta para ela, que nunca havia recebido uma carta pessoal. Esses contatos e os demais, contribuíram para alavancar meu trabalho.

No processo de elaboração da metodologia, fiz uso inicialmente da obra de Minayo (1994). A autora abarca em Teoria, Método e Criatividade formas de produzir conhecimento, de maneira que possamos perceber determinados elementos implícitos para desvendá-los em nosso campo de atuação. Trazendo uma abordagem também qualitativa, que contemplo em minha pesquisa, nada mais favorável que utilizar dos conhecimentos desta autora como ponto de partida. Outro autor que me pareceu muito inspirador foi Gil (1989), com sua obra Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. Ambos os autores foram importantes para me nortear no campo de pesquisa.

No primeiro momento, imaginei como realizaria as entrevistas com os participantes da pesquisa, porém não queria que fossem perguntas e respostas automáticas, eu buscava profundidade nas respostas. Gil (1989) colaborou desde o início para eu entender, desenvolver e proceder para atingir meu objetivo:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que

interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1989, p. 113).

Quando me deparei com a frase “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico (...)”, entendi que eu poderia ser mais flexível e coletar as informações de forma dialogada sem a formalidade retilínea de um questionário. Então me indaguei sobre a forma estrutural em que estaria o método que estava para por em prática. Eis a resposta:

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.
(BONI, 2005, p. 75).

Dessa forma, para a coleta de informações da minha pesquisa, além das referências bibliográficas, resolvi ir a campo para conversar com casais e/ou pessoas que tiveram um relacionamento mediado pelas tecnologias virtuais de comunicação.

Antes de iniciar as buscas pelas pessoas precisei compreender quais tipos de abordagens poderiam ser adequadas e somar ao meu propósito. Em Gil (1989) encontrei uma forma que contempla bem o que procurava, era o Método de Observação Simples:

Por observação simples entende-se aquela em que o pesquisador permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí correm. Neste

procedimento, o pesquisador é muito mais um expectador que um ator. Daí por que pode ser chamado de observação-reportagem, já que apresenta certa similaridade com as técnicas empregadas pelos jornalistas (GIL, 1989, p. 105)

Outra forma que me foi muito cara, é a do Método de Observação Sistemática, pois além da observação simples que me fora útil em vários momentos para entender melhor como eu deveria proceder, também era necessário um roteiro que me mantivesse alinhado com o meu objetivo durante os diálogos com essas pessoas que estariam expondo suas experiências:

A observação sistemática é frequentemente utilizada em pesquisas que tem como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses. Nas pesquisas desse tipo, o pesquisador sabe quais os aspectos da comunidade ou grupo que são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. Por essa razão, elabora previamente um plano de observação (GIL, 1989, p. 109).

Apesar de não ter realizado uma observação sistemática, precisava compreender sobre os métodos de pesquisa para nortear o meu trabalho.

Durante o processo de elaboração do roteiro para a coleta de informações, passei a me comunicar com amigos e parentes a respeito do meu trabalho, perguntando sobre a possibilidade de uma participação com seus respectivos relatos. Mas, a princípio, foi complicado encontrar pessoas que estivessem dispostas a relatar suas experiências de comunicação com seus(as) parceiros(as). Foi aí que entendi na prática o que a autora Minayo escreve sobre a consolidação de relação com as pessoas:

É fundamental consolidarmos uma relação de respeito efetivo pelas pessoas e pelas suas manifestações no interior da comunidade pesquisada. Em segundo lugar, destacamos como importante a apresentação da proposta de estudo aos grupos envolvidos. Trata-se de estabelecermos uma situação de troca. Os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo. (MINAYO,1994, p.55)

Além do mais, existiam outros empecilhos, como conflito de horários e agendas, com os quais eu tive que lidar para conseguir falar com essas pessoas, já que também haviam as minhas próprias ocupações. Comecei então pelos amigos, pois era do meu conhecimento que alguns deles haviam tido a experiência que busco conhecer sobre a comunicação a distância em um relacionamento intermitente. Depois parti para meus parentes.

Como não queria que as informações fossem engessadas com respostas retas e de pouca profundidade, não fiz uso de questionário e sim de um diálogo aberto onde as pessoas envolvidas ficariam a vontade para contar suas experiências. Para não perder o foco do meu objetivo, lancei alguns critérios para nortear os diálogos, buscando não comprometer, nem tornar tendenciosas as minhas questões que surgiriam durante o diálogo. Tais critérios foram: (i) Observar na fala dos participantes seu grau de habilidade ou imperícia no uso das tecnologias atuais de conversação virtual; (ii) Perceber a frequência, sincronia e a falta de sincronicidade das pessoas no uso de aparelhos como *PC*, *Smartphones*, *Tablets* e etc. para a comunicação; (iii) Saber quais aplicativos de comunicação são mais usados pelos entrevistados; (iv) Captar a experiência dos entrevistados no uso de aplicativos para manter contato com seu(a) parceiro(a), ou seja, as possíveis mudanças, conflitos e ou adversidades gerais decorridas dessa modalidade de comunicação; (v) Compreender como o fator distância é observado pelas pessoas e qual é o uso de recursos tecnológicos para atenuar o sentimento de saudade; (vi) Captar palavras e/ou discursos que porventura se repetem entre os participantes, para dialogar com a fundamentação teórica; (vii) Perceber o perfil dos(as) entrevistados.

Me deterei agora na explicação de cada um desses pontos norteadores das entrevistas:

(i) Observar na fala dos participantes, seu grau de habilidade ou imperícia no uso das tecnologias atuais de conversação virtual.

As novas formas de comunicação *Online*³ vem sendo desenvolvidas constantemente, ao mesmo tempo em que melhorias são incrementadas para diminuir a sensação de artificialidade das conversas nos espaços virtuais, tentando manter a mesma sensação presencial a partir de elementos iconográficos e audiovisuais. Atento a isto, considerei importante saber o quanto as pessoas estão acompanhando essas melhorias e o grau de conhecimento delas em manusear tais tecnologias.

³ [Informática]. De modo a estar numa conexão ou na internet no exato momento em que acessa: ele ficou online a noite inteira. <https://www.dicio.com.br/internauta/> Acesso em: 12 de Junho de 2018.

(ii) Perceber a frequência, sincronia e a falta de sincronicidade das pessoas no uso de aparelhos como *PC*⁴, *Smartphones*⁵, *Tablets*⁶ e etc. para uso de comunicação.

Com uma comunicação *Online*, seja por *chat's* ou ligação direta de voz e até mesmo audiovisual, a frequência que se estabelece para o uso desses recursos, bem como a sincronia e a falta de sincronicidade dos envolvidos na comunicação via rede deve ser levada em conta. O objetivo aqui é observar se a comunicação está harmônica ou não, se o entendimento para ambos está satisfatório e conhecer as causas de possíveis problemas desta comunicação se houver reclamações no discurso do participante.

(iii) Saber quais aplicativos de comunicação são mais usados pelos entrevistados.

Além das linhas de telefonia móvel, temos hoje uma boa variedade de recursos para nos comunicarmos com o outro. Esses são os aplicativos de redes sociais, que apresentam as mais variadas formas de conversação. Busquei saber qual aplicativo era usado para trazer informações interessantes a respeito do como as pessoas interagem através desses recursos.

(iv) Captar a experiência dos entrevistados no uso de aplicativos para manter contato com seu(a) parceiro(a), ou seja, as possíveis mudanças, conflitos e ou adversidades gerais decorridas dessa modalidade de comunicação.

A coleta de informações, realizada informalmente, busca proporcionar uma maior liberdade de diálogo sobre o assunto, através de conversas abertas, quando é ouvida a experiência dos participantes da pesquisa. Conversas foram gravadas e transcritas para captar palavras chaves que, por ventura, se repetiram ao longo da conversa.

As informações analisadas e comparadas com as falas de outros, buscaram identificar variações de comportamento no tocante ao uso dos aplicativos, adversidades decorrentes dessa comunicação e observações diretas dos próprios participantes.

(v) Compreender como o fator distância é observado pelas pessoas e o uso de recursos tecnológicos para atenuar o sentimento de saudade.

Entender como as pessoas se sentem com relação à distância, acredito, vai além do sentimento de saudade. Busquei captar outras informações que me mostrassem o que havia por trás da distância, além da saudade. Ou seja, o que esse distanciamento causa ou provoca nas pessoas, como isso mexe com a vida delas de alguma forma e como elas

⁴ Etimologia (origem da palavra *pc*). Forma Abrev. de Computador Pessoal..<https://www.dicio.com.br/pc-2/> - Acesso em: 12 de Junho 2018.

⁵ O *smartphone* é um celular com tecnologias avançadas, o que inclui programas executados um sistema operacional, equivalente aos computadores.<https://www.significados.com.br/smarthphone/> - Acesso em: 12 de Junho de 2018.

⁶ *Tablet* é um tipo de computador portátil, de tamanho pequeno, fina espessura e com tela sensível ao toque (*touchscreen*).
<https://www.significados.com.br/tablet/> Acesso em: 12 de Junho de 2018.

reagem e se comportam diante de uma tentativa de atenuação dos seus sentimentos através de um recurso de comunicação, celular, telefone, computador e etc.

(vi) Captar palavras e/ou discursos que porventura se repetem entre os participantes, para dialogar com a fundamentação teórica.

Após as entrevistas realizadas e análise das mesmas, segue a fundamentação teórica para dialogar com as palavras e ou citações dos participantes. Tal atividade procura compreender como as pessoas estão interagindo umas com as outras por meios virtuais e como elas lidam com possíveis adversidades que possam trazer prejuízos para a relação que se encontra a distância intermitentemente.

(vii) Perfil dos(as) entrevistados:

— Público de 20 a 35 anos

— Ambos os sexos independente da relação de gênero — Estar ou ter tido uma relação de convivência intermitente, mediada pela comunicação virtual.

Organização deste trabalho

Este trabalho conta com três capítulos. No primeiro deles, intitulado “Parece até que as pessoas guardam as palavras mais bonitas para serem escritas em papel” dedico-me a pensar as formas de comunicação antes dos adventos de contato digitais. Para isto, trago as cartas e os cartões postais como exemplos significativos de comunicação a distância especificamente das relações e sociabilidades interpessoais. Também faço uso de uma experiência de envio de carta entre amigos e exponho o relato do destinatário ao receber uma correspondência pela primeira vez e suas declarações das sensações dessa prática.

No segundo capítulo, “Novos espaços de sociabilidade”, exponho breves explicações sobre a *Internet* e seus elementos constituintes, bem como uma abordagem sintética do ciberespaço e entendimento do campo virtual como realidade. Abordo a dinâmica de contato do meio virtual como real, não contrapondo à realidade física, mas exibindo uma alternativa de comunicação que se segue ao ritmo das novas demandas de sociabilidade com os adventos tecnológicos atuais.

No terceiro capítulo, “O encontro com as pessoas”, trabalho diretamente com 10 entrevistas, que corroboram para a compreensão das questões já citadas sobre a proposta da pesquisa.

Por fim, concluo o trabalho com as considerações finais a partir das análises e revisões das entrevistas, bem como com a observação de palavras-chave ou expressões que surgiram nas experiências relatadas pelos participantes. Meu intuito é demonstrar as novas demandas de sociabilidade e de relacionamento, especificamente, dos casais em condição de relação a distância de forma intermitente e seu uso das tecnologias virtuais.

Capítulo 1 – “Parece até que as pessoas guardam as palavras mais bonitas para serem escritas em papel”

1.1 - Cartões Postais

Pesquisando referências que pudessem me ajudar com a pesquisa, encontrei um texto intitulado “Uma história de amor à antiga através dos cartões postais” escrito por Ana Luiza Carvalho da Rocha. Tal texto me fez ver que seria interessante abordar essa comunicação romantizada via cartões postais, que foi tão utilizada para expressar sentimentos de saudade, amor e amizade. A ideia de cartão-postal, como mensagem sem invólucro protetor, teria surgido por volta de 1870, e teve rápida aceitação no mundo inteiro. No início eram impressos somente com gravuras, mas com o domínio da técnica de fotografia, os cartões-postais passaram a apresentar, a partir de 1891, imagens fotográficas, principalmente de paisagens. (COHEN; FRIDMAN, 1998 apud MACHADO, 2002).

Em “Uma história de amor à antiga através dos cartões postais”, conta-se a história de um casal que se corresponde via cartões postais, mostrando o desenrolar de um relacionamento que se constrói a distância. Apesar da minha pesquisa enfatizar o relacionamento já consolidado presencialmente e ter sua intermitência devido à distância entre o casal, não vi problema em utilizar das formas de comunicação anteriores à era digital para ilustrar alguns pontos que contribuem para o meu trabalho de forma significativa. Se atentarmos para os cartões postais como forma de interação social imagética, teremos uma similaridade com os tempos atuais, com as modernidades dos aplicativos que favorecem a comunicação por imagens em tempo real.

Com os cartões havia o romantismo, o imaginário fluía, havia o prazer de receber e colecionar cada cartão-postal da pessoa que se admirava, por ventura, em segredo. As frases deviam ser pensadas e escritas cuidadosamente para não expor os casais de admirados. A imagem impressa nos cartões complementava a escrita, demonstrando as intencionalidades dos casais, ainda que estivessem na fase do cortejar. A vigilância entre os casais para não se exporem e até mesmo a vigilância das famílias, é descrita no texto de Carvalho da Rocha como forma de controle para proteger a honra, principalmente da moça, e garantir-lhe um bom partido que fosse economicamente viável para manter as famílias com prestígio social.

Quando penso numa leitura rápida de um cartão-postal, com frases simples e curtas com a imagem acompanhando tais palavras, tento imaginar a sensação dessas pessoas em se comunicar de uma forma indireta, com pouco a dizer, mas com muito a sentir e interpretar junto à imagem impressa no cartão-postal. A imagem ou a fotografia quando passou a ser impressa nos cartões, podia trazer consigo elementos possivelmente muito mais importantes do que as palavras curtas neles contidos. Talvez as poucas palavras fossem um artifício para desviar a atenção daquilo que realmente trazia a mensagem. Palavras e imagens se complementavam para que o outro sentisse e interpretasse tudo aquilo a partir do seu olhar apaixonado.

Os cartões postais tiveram sua importância como ferramenta social até o advento das novas formas de comunicação. De acordo com Vasquez (2002, p. 23), a época de ouro dos cartões postais se encerra logo após a Primeira Grande Guerra. Para Boyer (2002, p. 25) o cartão-postal perde a função informativa, devido a outros meios de comunicação mais rápidos, eficientes e práticos que surgiram, por esse motivo substituindo os mesmos.

1.2 - As Cartas

Durante minha infância, no final dos anos 80, quando vivia muito na casa da minha avó paterna, tive a experiência de receber e enviar cartas. Não era difícil me deparar com o carteiro chamando na porta para trazer notícias de uma tia que vivia no Rio de Janeiro, sendo nós aqui da Paraíba, da cidade de Cabedelo. Lembro-me como se fosse hoje o entusiasmo da família quando eu gritava: “Chegou uma carta!” Todos se reuniam na mesa da cozinha e alguém da família lia as notícias de parentes distantes, riam de alegria com o que ouviam, mas também choravam pela saudade do parente querido distante. Trouxe esse pequeno relato para ilustrar como a mensagem por cartas causava impacto emocional nas pessoas. Imagino como os casais se sentiam ao enviar suas palavras... A ansiedade desde a postagem até a espera pela resposta que durava muitos dias.

Observei através das leituras sobre o assunto e experiências pessoais que na comunicação rápida atual — envio e recebimento de mensagens de texto, áudio e vídeo — a ausência do outro e a saudade são muito atenuadas. Essas facilidades de contato que as

tecnologias têm criado por meio de ambientes virtuais cada vez mais confortáveis, exploram os conceitos de presença através de elementos como: imagens em tempo real.

Conversando com uma amiga, Maysa Carvalho, muito antes de pensar sobre o tema da minha pesquisa, falávamos sobre o imediatismo da informação, da rapidez das trocas de mensagens e dei como exemplo a diferença entre receber uma mensagem através de uma carta e atualmente eletronicamente. Para minha surpresa, Maysa nunca havia recebido uma carta pessoal via correio. Então, propus uma experiência entre amigos que hoje pode ser chamada de uma experiência etnográfica: eu lhe enviaria uma carta se ela quisesse experimentar essa tecnologia analógica.

Segue abaixo a experiência de Maysa Carvalho, desde a espera ao recebimento da carta.

Foi em 2015 que recebi minha primeira e única carta-postal. Nesse período, com o alto uso das redes sociais, a possibilidade de receber uma carta fazia parte de uma idealização daquelas cenas de filmes, de pessoas que têm saudades, notícias importantes ou algo pra contar.

Lembro que essa carta veio de uma conversa com um amigo, de uma geração acima da minha, onde confessei nunca ter recebido uma carta. Impressionantemente (para mim), ele se surpreendeu com esse fato, se disponibilizando a me enviar uma carta.

A primeira coisa que me pareceu estranha, mas necessária, era passar os dados pessoais (o endereço), o que nos dias de hoje não é algo tão comum.

Quando ele me disse ter enviado a carta e que eu aguardasse, como se tratava de algo que eu já sabia e não fazia parte de um contexto de extrema importância (uma notícia de vida ou morte, por exemplo), eu fiquei mais ansiosa pelo momento de receber a carta do que pelo próprio conteúdo, algo que penso ser inverso no tempo em que não existia internet e que havia maior limitação nas comunicações.

Esperei cerca de uns 15 dias. Pra mim parecia uma eternidade. Quando os carteiros traziam correspondência nas casas vizinhas eu já me colocava em atenção, aguardando a minha. Mas nunca era.

Durante uma manhã, fui ao médico e no retorno estava chovendo muito. Esse era justamente o dia que eu não esperaria nenhuma visita. Quando o carteiro chegou e chamou pelo meu nome, logo me animei.

Confesso sentir algo entre a ansiedade e euforia. Pedi que ele entrasse, pois eu tinha que mostrar um documento de identificação e assinar um papel que comprovava o recebimento e na chuva não dava pra fazer isso.

Ao perceber minha alegria, o carteiro perguntou sobre a carta, se eu estava aguardando há muito tempo e se era de alguém que morava longe. Então eu expliquei a circunstância, de que nunca havia recebido antes uma carta e que um amigo de uma cidade vizinha havia se disponibilizado.

O carteiro se divertiu com a história, dizendo que era por dias assim que a profissão valia a pena. Sorrimos bastante. Eu achei super engraçado. Até abracei o carteiro (coisa que nunca imaginei fazer na vida, nem mesmo quando recebo outras coisas pelo correio, como livros, por exemplo). A chuva foi amenizando e o carteiro seguiu a rota dele. O conteúdo da carta também era muito bonito. Parece até que as pessoas guardam as palavras mais bonitas para serem escritas em papel.

Sem dúvidas não esquecerei esse dia.

Pedi gentilmente a Maysa que escrevesse sobre sua experiência, pois tive curiosidade em saber como uma pessoa que nunca fez uso ou recebeu alguma carta, reagiria. Estando ela antenada com às novas tecnologias, achei interessante ter essa informação para ajudar a ilustrar esse sentimento de espera, frente ao imediatismo da informação que temos hoje.

Meu objetivo aqui não é traçar uma a história das cartas ou entrar em qualquer detalhe técnico sobre a mesma, mas trazer algumas observações para orientar o pensamento sobre a comunicação a distância e o comportamento das pessoas no uso de tais recursos – algo que será abordado com mais profundidade no decorrer deste estudo.

Dando continuidade ao tema das cartas, escrevê-las não é tão simples. Se a carta tiver um objetivo específico, por exemplo, de informar, essa precisa expressar com o máximo de clareza o que o remetente quer transmitir para o destinatário — já que este

último se valerá apenas das palavras e de nenhum outro recurso para compreender a mensagem. Porém, as cartas não se limitam a assuntos ou práticas específicas, ou a uma regra padronizada, de acordo com a seguinte citação:

Uma carta não se restringe nem a uma situação prática (a ausência do destinatário), nem a uma conduta social (uma extensão da voz), nem a um referente objetivo (seu conteúdo), nem a determinações exteriores (as circunstâncias), nem a uma atitude psicológica (a sinceridade ou seu contrário, o artifício), nem a uma motivação interior (rogar, ferir, informar, convencer), nem a uns caracteres formais (uma retórica, um estilo), nem inclusive a uma enunciação dialógica que reúne não obstante o critério do reconhecimento mais constante. Com efeito, é possível imaginar um texto em primeira pessoa que não inscreva em nenhum lado seu destinatário e que seja igualmente destinado, posto em um envelope e dirigido a um destinatário. Podemos inclusive imaginar uma página em branco, sem o menor signo manuscrito, exceto a subscrição do destinatário. Uma carta é o conjunto desses elementos “postos em carta”, ou seja, menos um estado do escrito que um movimento de escritura (Bouvet, 2006 p.12).

As cartas são versáteis, se adequam a qualquer situação e objetivo, sua multifuncionalidade, torna-a elemento ainda usual mesmo nos tempos modernos com as facilidades e agilidades digitais para a comunicação.

(...) da carta breve às epístolas, da carta de negócios à de amor, da crônica à ficção, caracteriza-se por acolher uma temática variada expressa em múltiplos registros linguísticos. Existe uma grande diversidade de tipos de cartas que se adequam às mais variadas circunstâncias de uso na vida social e adotam formatos diversos ao longo do tempo, o que as converteu em objeto de variadas desclassificações em todos os tempos (BOUVET, 2006, p. 11-12).

Minha intenção neste capítulo foi mostrar brevemente como os cartões-postais e as cartas se referem a um tipo de comunicação que possui uma dinâmica que difere das formas de contato que temos atualmente. Tais diferenças são perceptíveis não apenas pelo fato de estarmos hoje lidando com dispositivos móveis como *smartphones*, *tablets*, *notebook* e etc. Mas pela própria forma como se dava a sociabilidade por cartões com sua forma sucinta e declarativa, ou pelas cartas que traziam uma enorme possibilidade de

escritas, não restringindo-se as formalidades ou regras lineares. Ambos os recursos de comunicação de outrora, ainda que existam, talvez possuam menos força nas relações interpessoais a distância, já que estamos num momento desenfreado de avanços tecnológicos. Mas é inegável como favoreceram conceitos e reinvenções para a comunicação a distância dada pelos aplicativos de mensagens instantâneas.

Com o avanço das novas formas de manter contato a distância, percebo que os aplicativos de mensagens de texto, por exemplo, trazem uma gama de elementos iconográficos que remetem a representação dos sentimentos, estes, são chamados de *emoticons*. Reações como humor, alegria, tristeza, raiva frustração, entre tantos outros que tentam personificar a presença do outro ainda que no espaço virtual. É claro que hoje também temos as chamadas de vídeo para uma resposta visual em tempo real, mas antes deste recurso estar acessível a todos, os elementos gráficos cumpriam e cumprem ainda seu papel na representação emocional dos usuários, além de um forma mais atrativa de interagir com o outro.

Capítulo 2 - Novos Espaços de Sociabilidade

2.1 Internet: o espaço virtual

A crescente tendência de serviços *Online* como compras, cursos e trabalho, faz com que as pessoas realizem diversas atividades sem sair de casa, tornando isso uma atraente comodidade. É muito comum observarmos a grande quantidade de *sites* construídos atualmente para atender um público que busca por sociabilização, relacionamentos, entretenimento e negócios. Seja lá em qual for a esfera de interesse, o uso dessas ferramentas pelas pessoas tem crescido notoriamente.

O que contribuiu para essas novas formas de comunicação se tornarem tão populares, foi a onda crescente do acesso à *internet*. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) diz que:

“[a] (...) *Internet* era utilizada em 69,3% dos 69.318 mil domicílios particulares permanentes do País. A utilização da *Internet* já estava disseminada na maioria dos domicílios em todas as Grandes Regiões, sendo usada em 76,7% das residências da Sudeste, 74,7% da Centro-Oeste e 71,3% da Sul, ficando em 62,4%, na Norte, e 56,6%, na Nordeste. Em área rural, o uso da *Internet* ainda estava abaixo da metade dos domicílios em todas as Grandes Regiões, embora já ultrapassasse 40% nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, mas não alcançava 30% nas Regiões Norte e Nordeste”. (IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016, p.16)

Com esses dados, nota-se o aumento do acesso à *internet* e a proximidade das pessoas com as redes sociais em busca de interação, além do modo presencial interpessoal, criando uma nova dinâmica de comunicação.

Se a comunicação sempre esteve presente na história humana em suas diversas formas — como a escrita, oralização, desenhos, pinturas, gestos e expressões corporais —, na atualidade, temos de levar em conta o advento das tecnologias virtuais. São *smartphones*, *tablets*, *notebooks* que, acompanhados de sistemas e aplicativos de comunicação em rede mundial, tornam as fronteiras da comunicação mais fluidas.

É fato que hoje em dia há diversos aplicativos e *sites* voltados para relacionamentos, o que intensificou ainda mais a busca por esses meios de comunicação para estabelecer

relações. Com o advento das novas tecnologias de comunicação virtual, a forma como as pessoas se comunicam muda para uma nova relação interpessoal. E busco identificar os efeitos dos espaços virtuais nos relacionamentos entre casais que se contatam num intervalo de tempo entre o “mundo real” e o “virtual”. E até que ponto esses meios de comunicação são significativos para a manutenção ou rompimento do relacionamento afetivo.

O uso dos *chats*⁷ de conversação, por exemplo, permite uma relação de interação com o mundo, não apenas como troca de ideias, mas também como uma nova forma de conhecer pessoas, o que pode vir a ampliar o número de relacionamentos pessoais. Não é a toa que os *sites*⁸ de relacionamento têm se tornado um recurso popular e chamativo, quebrando certas barreiras como a timidez, as distâncias, problemas de sociabilidade, sentimental e até sexual para muitos usuários internautas⁹.

É importante tentar compreender como as relações afetivas entre pessoas que se encontram numa relação de convivência física intermitente se estabelecem com o uso do ambiente virtual. Como o contato não é totalmente interrompido, se há uma modificação nas relações que traga prejuízos ou benefícios, vale investigar quais são as modificações e também perceber como as pessoas encaram tais tecnologias, verificando que significado atribuem a elas.

2.2 Novos Espaços de Sociabilidade

Com o avanço dos recursos tecnológicos e das propagações das redes sociais, surge também uma nova interação social, ou seja, uma sociabilidade a distância mediada por recursos ainda mais atrativos que tentam amenizar o impacto da ausência do corpo físico. A humanidade sempre buscou desenvolver sua escrita e oralidade para atender às mais diversas necessidades, seja a sobrevivência ou a própria socialização entre povos de diferentes culturas. O espaço onde ocorrem as interações coletivas ou interpessoais na vida real, possui uma dinâmica que se relaciona com o concreto, o palpável, o corpo físico. Mas quando não estamos face a face com o outro em um lugar não físico, mediado por

⁷ [Informática] s.m. Conversa informal na *Internet* cujos participantes trocam mensagens escritas em tempo real. <https://www.dicio.com.br/internauta/> Acesso em: 12 de Junho 2018

⁸ Local ou endereço eletrônico; informações divulgadas através de páginas virtuais disponibilizadas na *Internet*, sendo acessadas através de um computador ou de outro meio comunicacional. <https://www.dicio.com.br/internauta/> Acesso em: 12 de Junho 2018

⁹ Diz-se daquele que utiliza de forma regular a *Internet*. <https://www.dicio.com.br/internauta/> Acesso em: 12 de Junho 2018

aplicações digitais, entendo que estamos no espaço virtual. "O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual" (LÉVI,1996, p.16). Conforme Baldanza:

Uma tentativa de vislumbrar o novo espaço que surge na contemporaneidade é, na verdade, pensar a possibilidade de se viver a sociabilidade sem o espaço moderno do civil, ao lado dos espaços vazios que foram produzidos na modernidade (MAIA, 2003, p.12, apud BALDANZA, 2018, n.p.).

Uma das produções da contemporaneidade foi a *internet* e, com ela, um aparato de recursos que trouxe novas possibilidades de consumo, da forma como estudamos, ouvimos música, assistimos vídeos e nos contactamos com pessoas do mundo inteiro.

Desde a difusão da Internet, em meados da década de 1990, a sociabilidade virtual vem gerando muita discussão. Em contraste com os contatos entre conhecidos possibilitados pela telefonia fixa, os ambientes coletivos de interação da Internet fizeram emergir os contatos travados e mantidos exclusivamente Online (Costa, 2005, p. 50).

A autora já citada, expõe também que, naqueles primeiros tempos, esses relacionamentos virtuais foram duramente criticados e que, apesar de ainda haver reações negativas sobre o tema, vemos atualmente que tais relacionamentos se mantêm mediados pelas novas redes de telecomunicações.

2.3 A presença no ciberespaço

Apesar de não me aprofundar nas questões conceituais de espaços virtuais ou ciberespaço, vi a necessidade de se fazer um breve apontamento sobre o espaço de comunicação criado pela *internet*. Como trato de uma comunicação através de recursos e ambiente sem a presença física, me foi válida a observação de Wertheim (1999, p. 169), citado por Baldanza (2018, n.p.) “embora destituído de fisicalidade, o ciberespaço é um lugar real. Eu estou lá – seja qual for o significado dessa afirmação”. O pensamento de Wertheim, me diz que eu estou presente embora a estrutura do ambiente criado não seja a mesma da minha compreensão do real, pautada naquilo que é palpável. Me faz ter o entendimento de que a minha presença não se limita unicamente ao corpo físico e que tal ambiente que propicia isso é pensado como real por eu poder estabelecer uma

comunicação direta. Refletindo mais sobre assunto encontrei a seguinte citação que complementava a abordagem ao espaço que se constitui virtualmente.

“[...]a rede formada por servidores, computadores pessoais, smartphones e tablets encontra-se em uma relação de heterogeneidade e relativa descontinuidade frente a territorializações de espaços físicos. Neste sentido, o tipo de espaço social produzido nesse tipo de rede sociotécnica não guarda continuidade em reação a qualquer base geográfica fundamental. De fato, essa rede não é construída como apropriação de um espaço físico como espaço social, como era predominantemente o caso antes, mas sim como pura produção de um espaço social cuja materialidade é a informação, seus modos de tratamento e de transmissão. Ainda que a informação esteja presa à rede como um todo, ela está alocada em mais de um lugar físico da rede (por meio de mecanismos de redundância), de modo que servidores e seus terminais (que são os computadores pessoais, notebooks, smartphones, etc.) são intercambiáveis e substituíveis sem que a rede formada pela circulação de informações seja colocada em xeque”. (Machado - Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, 1. sem. 2017, p.11-12).

Segundo Thompson (2011, p.9), conforme citado por Molina (2013, p. 103) “[...] novos meios de comunicação são desenvolvidos e introduzidos, eles mudam as maneiras pelas quais os indivíduos se relacionam uns com os outros e com eles próprios”. Os meios de comunicação criados atualmente favorecem um nível de proximidade que causam no usuário mudanças de percepção daquilo que se entende por presença e de como o indivíduo se adequa às novas formas de comunicação.

Quando lembramos dos primeiros telefones, a forma de relação que estabelecemos é unicamente através da voz, não vemos o outro e, por tal motivo, ficamos atentos as variações do que se ouve e do que se fala, para entender e ser entendidos no que estamos querendo transmitir de sentimentos. Por não haver o corpo presente, o esforço para se fazer claro nas transmissões era maior, mas não tanto quanto nas cartas, já que a escrita exige muito mais por não ter nada além das palavras escritas e eventualmente imagens, como nos cartões postais.

Ainda que o telefone fosse algo mais técnico e menos poético como as cartas, revolucionou a comunicação e a forma de interação com pessoas do outro lado do mundo. O som da voz idealizava a imagem da presença do corpo, até o surgimento das videochamadas em tempo real nos atuais celulares, onde o corpo se faz presente através do ciberespaço. Particularmente observo que a sociedade atual está mais acelerada, impulsiva e atenta as novas possibilidades tecnológicas, essa pressa, movimenta não só os corpos humanos mas o comportamento delas, e nada mais lógico que surjam novas tecnologias e reformulações das mesmas para atender a demandas imediatistas. O celular é um bom exemplo disso, multifuncional, conectado as redes, meio de entretenimento com música, vídeos e etc, e que busca se renovar tão prontamente.

“Uma mensagem brilha na tela em busca de outra. Seus dedos estão sempre ocupados: você pressiona as teclas, digitando novos números para responder às chamadas ou compondo suas próprias mensagens. Você permanece *conectado* — mesmo estando em constante movimento, e anda que os remetentes ou destinatários invisíveis das mensagens recebidas e enviadas também estejam em movimento, cada qual seguindo suas próprias trajetórias. Os celulares são para as pessoas em movimento”. (Bauman, 2004, p. 78)

Mesmo com esses avanços extremamente significativos, não podemos ignorar que tais evoluções nos meios de comunicação alteram de certo modo o comportamento das pessoas que as usam, devido a uma nova dinâmica de sociabilidade que se estabelece no campo virtual.

Capítulo 3 - O encontro com as pessoas

Uma das dificuldades que tive foi encontrar pessoas dispostas a relatar seus sentimentos e/ou sensações da distância dos seus cônjuges, bem como a experiência de lidar com uma comunicação virtual. Inicialmente, falei para amigos da UFPB que estava em busca de pessoas, especificamente, casais que tiveram ou estavam nessa situação de relacionamento a distância e que pudessem colaborar com a pesquisa por meio do seu relato.

Estava difícil no início. Comecei a pesquisar dentro da própria universidade, mas nem todos queriam ou estavam dentro dos requisitos que contemplassem a minha pesquisa. Entendo que a temática mexe com uma parte íntima das pessoas e, por isso, não seria tão simples conseguir extrair algo delas num primeiro contato. Acredito que eu também não estava me fazendo ser entendido claramente, então tive que parar e me concentrar num roteiro mais eficiente que simplificasse as coisas para as pessoas que eu abordaria.

Certa noite, caminhando pela UFPB, me encontrei com uma prima, Alessandra, estudante de biblioteconomia. Em meio a conversas aleatórias falei sobre a proposta do meu TCC e ela disse que poderia me ajudar com o depoimento dela. Foi o primeiro passo para iniciar as demais entrevistas que estavam por vir. Durante o relato de Alessandra, percebi que não devia registrar apenas em um pequeno bloco notas, então, com a sua permissão, passei a gravar o áudio das nossas conversas. Apesar do grau de parentesco com a minha primeira participante, não queria que ela se sentisse desconfortável, o que poderia comprometer a coleta de informações, por isso só depois de um bom tempo de conversa pedi sua permissão para as gravações de áudio.

Depois da conversa com Alessandra, achei que, de certo modo, havia deixado de explorar mais o tema. E pensei em como explorar melhor as conversas com as pessoas que participassem da pesquisa. Tudo tinha dado certo até o momento, pois ainda que na primeira coleta de informação tenha negligenciado um pouco, a participante compreendeu muito bem a proposta e não fugiu do foco, o que foi muito benéfico pra mim.

Depois disso, me preparei melhor, minhas perguntas eram mais objetivas, porém com liberdade para o outro expor tudo aquilo que foi vivido por ele. Acredito que manter a liberdade de deixar o outro falar aquilo que queria, foi muito mais proveitoso, pois no começo minha preocupação e cuidado maior, era de como lidar com alguns desvios de foco. Quando a conversa se voltasse para assuntos que não tinham relevância para a pesquisa, o que eu faria? Esperaria o final das coletas de informação e filtraria aquilo que é

importante ou interviria de algum modo para alcançar mais rápido o que eu queria para a pesquisa, evitando um diálogo pobre sem a contribuição almejada? Entrei em conflito com essas questões e percebi que o problema não estava no que elas falavam que me parecia fugir do tema e, sim, em como elas entendiam as minhas perguntas. O erro estava sendo meu, eu precisava fazer as perguntas certas, precisava aproveitar o gancho de palavras e frases valiosas que surgiam durante as conversas e em cima delas explorar o máximo das conversas. Atento a isso, tratei de corrigir essa minha falta.

Em outros diálogos com os(as) demais participantes, tive poucos momentos em que precisei intervir de algum modo para nortear o assunto e era estranhamente interessante como eu aprendia a pesquisar durante a pesquisa com reflexões e autocrítica e, principalmente, lendo e tentando entender o significado de cada palavra dita pelas pessoas. Lembro-me de vários momentos em que fui surpreendido por palavras que me fizeram pesquisar referências para dialogar com o que as pessoas me diziam e isso gerava uma avalanche de pensamentos de como trabalhar com isso.

Sempre que saía para conhecer a experiência de alguém, tinha um pensamento acelerado com relação ao meu comportamento diante da pessoa, imaginava se faria as perguntas certas, se não esqueceria de algo importante para explorar, se poderia encontrar novamente a pessoa estando ela disposta a dar mais detalhes, enfim, não era tão simples pra mim. Era como contar uma história antes mesmo dela acontecer. Procurava deixar as pessoas o mais descontraídas possível, uma estratégia para fazê-las falar despreocupadamente e que me renderia mais informações. No decorrer desse processo, as informações estavam me parecendo como um quebra cabeças, mas a cada pessoa com quem dialogava, uma nova peça surgia, algumas se encaixavam, outras estavam a espera de serem organizadas no lugar certo.

Feito isso, consegui alguns relatos interessantes que apresentarei a seguir. Mas gostaria de salientar que foi fora da UFPB que consegui coletar mais experiências. Procurei por pessoas da minha cidade — Cabedelo-PB — e, apesar da falta de tempo ou desencontros, num dado momento consegui coletar muita informação. Acredito que o que me atrasou na busca por essas pessoas foi ter focado na UFPB, pois a universidade estava saturada de gente fazendo pesquisa, perambulando — assim como eu — a procura de alguém que pudesse ceder o seu tempo para ajudar na pesquisa. Senti isso quando alguns abordados não se mostraram realmente atentos. Mas ainda com essas dificuldades, a pesquisa seguiu seu curso.

**Entrevista - Elias Oliveira, 49 anos. Profissão: Contra-Mestre (Embarcado)
Relacionamento à distância atualmente.**

Assim como os meus pais encontravam-se na situação de manutenção de relacionamento a distância, estava também o irmão do meu pai, Elias. Ele era marítimo e no começo de carreira estava na função de Moço de Convés¹⁰. O caso dele não era diferente da situação do meu pai com relação a manter a comunicação com a família. O contato antigamente, só se dava via transmissão de rádio, assim como foi comentado anteriormente sobre meu pai. Meu tio Elias começou mais cedo no meio náutico, desde 1989 até hoje.

Atualmente, a comunicação de Elias ocorre através do Facebook e WhatsApp. Mas antes, ele fazia uso da comunicação a rádio e relatou como isso era difícil. Com o passar do tempo, já com a *internet* se tornando popular, Elias disse que ocorreu um acordo coletivo entre os funcionários do navio, para que fosse instalada uma banda larga que facilitasse e potencializasse a comunicação dos funcionários com suas famílias.

Meu tio relatou que no começo das redes sociais, quando o Orkut¹¹ era a sensação do momento para comunicação e entretenimento, ele fazia muito uso desse recurso. Pois até então o uso do telefone fixo era imprescindível. Com o acesso à *internet* nos navios, ele passou a utilizar o *e-mail* e o Orkut. Com a desativação do Orkut, o *e-mail* continuou sendo usado para envio de documentos e diversos assuntos, mas também se começou a usar o Facebook e WhatsApp.

Todas as possibilidades de manter contato foram buscadas por Elias, até entender quais atendiam melhor sua condição nos espaços de folga do trabalho. Mas as dificuldades também surgiram nesse meio tempo em estabelecer uma comunicação fluida, sem quebras e/ou desentendimentos com sua esposa.

Quando a gente tem que se comunicar com emergência ou de uma forma particular, sobre um assunto que só diz respeito ao casal ou então à família, que tem que resolver aquele problema... Às vezes, a gente perde muito pelo fator sinal fraco — é o primeiro que atrapalha e muito.

Às vezes, o aparelho em si... E o terceiro: a interpretação do outro pelo que você enviou. (Entrevista com Elias Oliveira, 2018)

¹⁰ Moço de Convés(MOC). No meio náutico, um moço é um profissional da marinha mercante em início de carreira ou em aprendizagem para se tornar marinheiro, a bordo de uma embarcação. (explicação dada na entrevista por Elias Oliveira, 2018)

¹¹ Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. <https://www.significadosbr.com.br/orkut> - Acesso em 22 de Junho de 2018.

A parte técnica, segundo Elias, foi o fator que mais lhe causou aborrecimentos, pois grande parte dos desentendimentos entre ele e a esposa durante a comunicação eram provocados pela falha técnica das operadoras de *internet*. Ele acrescentou que em meio a tudo isso o celular foi importante e ainda é, para manter o contato com a família:

A parte emotiva, emocional do relacionamento de quem vive ausente e precisa desses aplicativos de celular de computador, melhorou bastante. Nada disso substitui a presença, mas ameniza 50% a saudade no meu ponto de vista.(Entrevista com Elias Oliveira, 2018)

Durante o relato do meu tio, percebia como era realmente difícil a comunicação dele com sua esposa. Como eu já tinha essa experiência com meus pais, ouvir Elias, me fazia pensar como essas relações se mantinham e continuavam firmes...

Como foi comentado por Elias, três fatores interessantes foram apontados para manter uma comunicação fluida para quem se encontra distante de seu cônjuge. O primeiro fator é a parte técnica: o sinal de telefonia móvel por dados de voz e/ou *Online* por vídeo chamadas, textos, áudio e etc. Aqui, a interrupção da comunicação se faz a partir de uma falha externa ao casal. O segundo fator diz respeito a como você recebe ou passa a mensagem. E o terceiro é o tempo de resposta, que trazia problemas quando algo precisava ser resolvido de imediato.

Retomando Elias:

As vezes você quer falar rápido, quer saber, que é pra resolver aquela situação de imediato e não tem aquela resposta legal e isso acarreta em outro problema, porque você teria que resolver aquele problema naquela hora... Aquela demora de resposta de uma hora, duas horas, já pode te dar uma maneira de resolver de outra forma, mas ao invés de solucionar pode acarreta num problema pior (Entrevista com Elias, 2018).

Para Elias, de modo geral, o atraso de resposta gerava aborrecimentos para ambos, seja devido a problemas técnicos ou por uma falta de retorno de mensagem ou ligações. Mas isso nunca foi motivo para ocasionar uma ruptura no relacionamento. Ele e sua esposa entendiam que a distância e as dificuldades em se comunicar eram problemáticas para um contato mais direto, mas esses empecilhos foram vencidos com as novas tecnologias móveis e de recursos *Online* para se comunicar.

**Entrevista - Alessandra Oliveira, 24 anos. Estudante: Biblioteconomia (UFPB).
Relacionamento à distância no passado.**

Me encontrei com minha prima Alessandra, estudante de biblioteconomia na UFPB. Em meio a conversas aleatórias, falei sobre a proposta do meu tcc e ela disse que poderia me ajudar com o depoimento dela. No mesmo instante, passamos a conversar na própria UFPB sobre a sua experiência na manutenção do seu namoro.

Na entrevista com Alessandra, pude captar muito das experiências dela em seu relacionamento com o noivo. Devido a ambos estarem distantes por motivos de trabalho e estudo em regiões diferentes, a relação se deu por um bom tempo por meio da comunicação virtual, como Facebook, Chamadas de vídeo, Instagram e WhatsApp. Sobre sua experiência, ela me disse:

Eu acho que a manutenção dos relacionamentos em meio virtual são superficiais, o virtual pra mim é uma distância que eu não curto, eu não gosto, não me dá confiança na verdade sobre as pessoas, é como se eu não visse como ela é de verdade. E o virtual permite muito você criar máscaras, entendeu? Um contato de frente é mais verdadeiro. (Entrevista com Alessandra Oliveira, 2018).

Dando continuidade, perguntei a Alessandra quais os efeitos ocasionados na relação enquanto estavam em contato virtual e ela relatou o seguinte:

Foi péssimo! Foi um tempo muito difícil. Nos primeiros meses a gente brigou muito, foi muito desentendimento, porque era outra dinâmica. O tempo não dava certo: quando um não estava ocupado, o outro não podia, e quando podíamos, os dois estavam muito cansados, e ficava um contato quebrado e ia perdendo a constância. Nós usávamos o telegram e o whats app e a ligação direta e não conseguíamos usar a webcam, nós dois tínhamos um problema com a webcam: nos sentíamos travados, não fluía. O que é bom é que a comunicação está muito rápida, mas a ligação das pessoas é que é o problema. Pra mim, eu não consigo criar muitas raízes nesse campo virtual. (Entrevista com Alessandra Oliveira, 2018).

Perguntei a Alessandra em que momento essa comunicação no meio virtual foi significativa. Sua resposta foi a seguinte:

Então, quando a gente via que estava diferente e que tinha que se acostumar com aquilo, com a distância, a comunicação virtual foi uma forma de ter ao menos um pedacinho daquela pessoa próxima, até que chegou um momento que a webcam, que era um travamento pra gente, teve que ser usada como último recurso. Estava difícil demais o contato, porque ele é uma pessoa muito ruim de mandar fotos para vê-lo. Só tínhamos as mensagens de texto e voz. A gente não gosta de se expor demais, mas uma coisa pontual era necessária.(Entrevista com Alessandra Oliveira, 2018).

Durante a conversa, Alessandra criticou a propaganda das facilidades da comunicação virtual. Em suas palavras:

Falam muito da acessibilidade, que a internet está aí, que se fala com a pessoa a hora que você quiser, seu smatphone é um computador, é uma rede que te leva até o Japão e pro outro lado do mundo. Mas nem sempre essas redes são precisamente funcionais, a parte técnica das redes é uma merda. Muitas vezes, queríamos nos ver numa conversa e a internet não funcionava. Aí você se desgasta na conversa porque de repente caiu, e caiu de novo, e de novo. Velho! Que tecnologia é essa que está ao nosso alcance, que ajuda a gente a ficar perto, que faz com que você resolva tudo num piscar de olhos, mas que só vive dando problema? Não sei como se dá a funcionalidade disso no Brasil, mas a propaganda de que se resolve tudo rápido e fácil é pura ilusão. Isso contribui para que muitas coisas se percam no relacionamento, porque tem momentos que nem presencialmente você consegue explicar a sensação sentida, quanto mais uma foto, e transmitir algo virtualmente. Aí você fica frustrado porque tem que contar as coisas nos mínimos detalhes, mas não adianta, porque a pessoa não estava junto naquele momento. Então como disse no começo, brigávamos muito porque não conseguíamos manter uma conversa. E como ele é muito ruim de usar as coisas, ele não sabia usar outras formas de mensagem. E eu ficava irritada demais, porque ele dizia que não tinha tempo pra escrever e eu respondia: “Então manda um áudio, pra quê tu tem essas coisas se tu não usa?” Eu mandei um áudio pra ele dizendo o seguinte: Olha, está vendo? Eu mandei um áudio, porque eu não tenho tempo pra escrever, isso é um exemplo”. Aí ele vai e me escreve, que ódio que eu tive! Resumindo as brigas não eram pelo fato de não saber usar os recursos, mas por não usar as coisas direito a seu favor.(Entrevista com Alessandra Oliveira, 2018).

Ao final do diálogo com Alessandra, ela me falou que não troca em hipótese alguma a experiência de formar relações de amizade ou até mesmo de relacionamento em um contexto presencial, justamente por não perceber a verdade nas pessoas no contexto virtual. E que a relação com o seu noivo foi construída fora do ambiente virtual. Toda a experiência dentro do espaço virtual para a manutenção do seu relacionamento não foi satisfatória.

Percebi que não houve imperícia no manuseio das ferramentas de comunicação, pois ambos sabiam utilizar bem os recursos, porém como ela mesma disse “era outra dinâmica” - essa dinâmica criticada por ela é a da comunicação que estava sendo estabelecida naquele campo virtual, que não atendia às expectativas de ambos. Mesmo com todos os elementos dispostos para suavizar o impacto da distância, eles não se sentiam confortáveis, não estavam em plena afinidade um com o outro. O que por vezes resultava em desentendimentos por uma das partes não colaborar para uma comunicação mais fluida.

Entrevista - Johannes Warwick, 27 anos. Estudante: Mestrando em Engenharia. Relacionamento a distância no passado.

Por intermédio de Alessandra, entrei em contato com o seu noivo, Johannes Warwick. Naquele momento, o mesmo estava fora de João Pessoa, encontrava-se em Campina Grande concluindo seu mestrado em Engenharia. Gostaria de ter conversado pessoalmente com ele, mas como não foi possível, combinamos então de nos falarmos num horário propício através do *chat* do Facebook.

Ele relatou sobre a situação de se encontrar longe de sua noiva por alguns períodos de tempo, suas dificuldades iniciais e a comunicação que se dava entre ele e sua noiva. Encontramos um pequeno problema em manter a conversa, estava tudo muito reto, em suas palavras: com pouca expressividade. Talvez, devido ao próprio meio que estávamos usando para nos comunicar e, possivelmente, pela forma com que eu estivesse me expressando. Percebendo que não estava fluindo bem, por sugestão do próprio Johannes, ele me enviou um *e-mail* contando sua experiência e que se eu precisasse de algo que mais fosse preciso, eu devesse entrar em contato e usaríamos o mesmo recurso, o *e-mail*, para sanar essas eventuais dúvidas.

Como foi o primeiro casal sobre quem tive informações, foi interessante ver como ambos experimentavam a situação de estarem distantes e de como se comunicavam. Pensei

que o discurso de Alessandra se repetiria com Johannes e, de certo modo, algumas coisas coincidiam.

Inicialmente, ele me relatou o seguinte:

A experiência que tive aconteceu durante o meu mestrado em engenharia em Campinas. Uma das principais coisas que senti foi a ação do tempo. Eu viajava apenas duas vezes por ano para passar férias em João Pessoa, e em cada retorno para Campinas o processo era mais triste, e a saudade batia mais rápido. Durante o tempo em que estive por lá, a tecnologia ajudou bastante, permitindo a troca de mensagens, ligações e vídeochamadas, mas nunca conseguiram realmente suprir a necessidade de estar junto. (Entrevista com Johannes Warwick, 2018).

Johannes destaca mais a ação do tempo como sendo o fator que mais gerava impacto na sua relação, ainda que as tecnologias de comunicação ajudassem a amenizar o sentimento de saudade de sua noiva, estas eram insuficientes:

Essas ferramentas não eram boas o suficiente para amenizar a saudade, e como falei no início, ajudavam cada vez menos com o passar do tempo. E mesmo com tudo que está disponível hoje em dia, muita conversa foi perdida, porque até chegar no horário em que conversávamos aquilo era esquecido. No geral, o que posso falar é que não é uma boa experiência manter um relacionamento à distância, exigindo muita dedicação para superar estas limitações, que vão se agravando com o tempo. (Entrevista com Johannes Warwick, 2018).

Perguntei a Johannes sobre o tempo de resposta, ou seja, quanto tempo eles levavam para responder as mensagens um do outro e se isso também foi determinante para uma má experiência. Ele disse o seguinte:

Passamos sim por problemas no tempo de resposta, porque nos lugares em que morei a internet não era tão boa e depois de um tempo tive problemas no meu smartphone. O tempo de resposta era incerto. Algumas vezes respondíamos rápido, outras não, esses problemas dificultaram a comunicação por várias vezes. (Entrevista com Johannes Warwick, 2018).

Durante a troca de *e-mails* com Johannes, sua reclamação se baseava em dois pontos para uma má experiência de comunicação a distância. A primeira era sobre a ação do tempo em que estava ausente para sua noiva, o que gerava uma sensação maior de distanciamento, junto as ferramentas que, do seu ponto de vista, não eram boas o suficientes para amenizar a saudade. O segundo ponto estava no tempo de resposta, onde ele apontava problemas técnicos, mas também o não imediatismo nas respostas, o que dificultava uma comunicação mais fluida e gerava conversas “quebradas”.

Ao comparar a entrevista de Johannes com a de Alessandra, pude ver que ambos estavam de acordo com a questão do atraso de envio de respostas, ou seja, não estavam em sincronizados numa dinâmica de diálogo contínuo com começo, meio e fim. Não por imperícia do uso dos meios de comunicação virtuais, mas por não conseguirem estabelecer uma comunicação direta, sem interrupções e atrasos de respostas, e isso gerou um desconforto de ambos no campo virtual.

Na entrevista com Alessandra, fica claro que a experiência tornou-se ainda mais desagradável justamente por ela buscar utilizar todos os meios possíveis para evitar estes atrasos e que por parte de Johannes, isso nem sempre parecia recíproco, seja por dificuldades técnicas ou pessoais. Acredito que o que realmente gerou mais problemas durante a comunicação de ambos, foi a situação de comunicação **diacrônica** que ambos enfrentavam. Os atrasos de respostas que requeriam imediatismo, os resquícios de diálogos quebrados e sem sentido por falta de respostas, favoreceram para a percepção de uma má experiência de ambos com a comunicação virtual.

**Entrevista - Nadja Silva dos Santos, 21 anos. Estudante: Ciências Sociais (UFPB).
Relacionamento a distância no passado.**

Seguindo adiante, certa noite caminhava com uma colega do curso de Ciências Sociais pela UFPB, seu nome é Nadja. Tínhamos acabado de assistir uma aula e estávamos conversando sobre a mesma, até que numa mudança de conversa, por uma feliz coincidência, ela me falou que namorou uma pessoa e que esteve numa situação de comunicação a distância. No mesmo instante, perguntei a ela se poderia colaborar com minha pesquisa. Com sua aceitação, sentamos a mesa de uma lanchonete e conversamos sobre o tema da pesquisa. Entendida a proposta, ela me contou como foi sua experiência. Conversar com Nadja me fez expandir as minhas concepções sobre o que estava estudando,

sobre relações e tecnologias virtuais de comunicação, mas foi principalmente um alerta para eu observar como as relações de comunicação se constituem fora destes recursos tecnológicos e de como estes mesmos recursos realizam suas interações com base na realidade.

Segundo Nadja, em seu relacionamento sempre houve o fator distância, seja por trabalho ou estudo, ela e sua namorada sempre estavam em cidades ou estados diferentes. Além disso, acrescentou: *Por vezes, eu tinha problemas na comunicação, mas alguns tipos de discussões podem fluir melhor, devido ao tempo que temos para pensar no que vamos responder. Mas também pode desviar o foco principal da conversa.* (Entrevista com Nadja, 2018).

Nadja também falou que tinha se acostumado à dinâmica virtual de conversas, mas enfatizou que, por vezes, também se desentendia com sua namorada pela falta de entendimento de ambas. Nas palavras dela: *O problema não é a manutenção através das ferramentas, mas como se constitui a relação das pessoas. A relação deve estar de acordo com a realidade desses recursos de comunicação, entendendo os limites e as possibilidades.* (Entrevista com Nadja, 2018).

Com um ano e meio de relação, Nadja, disse que a comunicação virtual sempre se fez paralela à comunicação presencial. Relatou ainda que, com o tempo, ambas ficaram dependentes dos recursos virtuais, que ajudaram na manutenção do namoro. Na visão de Nadja: *A dinâmica dos relacionamentos mudaram, não há mais uma frequência na casa das pessoas, o que otimiza o tempo das pessoas ao usar os recursos pra conversar coisas do dia a dia.* (Entrevista com Nadja, 2018).

Na fala de Nadja, percebo que sua sintonia com as ferramentas foram proveitosas, ainda que houvesse momentos de desentendimento que, segundo ela, não tinham uma ligação direta com o mau uso ou imperícia na utilização dos recursos de comunicação. Mas o que devia estar claro é que a comunicação estabelecida no campo virtual não supriria em sua totalidade a satisfação de um contato presencial. Como ela mesma ressaltou: *A relação deve estar de acordo com a realidade desses recursos de comunicação, entendendo os limites e as possibilidades.*

Entrevistas - Jesiane Freire dos Santos, 36 anos. E Stéphanie Rêgo Barreto Tabosa, 26 anos. Estudantes: Análise e desenvolvimento de sistemas. Relacionamento a distância no passado.

Em uma tarde qualquer fui visitar uma amiga de longa data, seu nome é Jesiane Freire... Estávamos conversando coisas aleatórias junto com sua namorada Stéphanie, quando Jesiane me perguntou sobre o meu curso, especificamente, sobre quando eu iria terminar. Falei sobre a minha situação de desenvolvimento do TCC e sobre o que eu estava pesquisando. Aproveitei o momento para perguntar se elas gostariam de me ajudar com o trabalho, me cedendo as experiências delas, já que ambas mantiveram por um tempo sua relação a distância. Não marcamos um dia para tal, de maneira informal, apareci numa noite em sua casa e iniciamos a conversa sobre a vivência delas com a distância e uso de tecnologias, como Whats App e chamadas de voz.

Conversar com elas foi interessante porque me fez pensar algo que possivelmente estava limitando minha percepção de distância. Eu estava pensando sempre de forma geográfica, ainda que houvessem lampejos de que não se tratava apenas desse espaço entre as pessoas, eu acabava por me limitar aos km's e não ao sentimento de distância que também era fundamental refletir. Percebi que a distância do apoio emocional era o que mais impactava a ambas.

Nos diálogos que se seguiram com o casal, vi como a sincronicidade entre elas, ao se comunicarem virtualmente, estava funcionando devido à percepção delas de que as regras de comunicação devem ser as mesmas. Não deveria haver distinção do que é real ou virtual, ao menos no tocante ao comportamento delas ao conversar pelo Whats App. Ambas estavam de acordo quanto à evitação de maus entendidos. E isso só reforçou a vaga ideia que eu tinha de que, o que separa realmente um diálogo limpo, sem distorções, é a maturidade de compreender que não é a ferramenta em si, mas como ela é usada dentro do contexto da relação entre as pessoas e como elas encaram tais ferramentas no processo de manutenção de seus relacionamentos.

Cada vez que eu me encontrava com essas pessoas e que terminávamos com os relatos, iniciava uma nova percepção. Via que tratar do tema não estava sendo tão simples como imaginava que seria. Percebi que há uma complexidade que vai muito além de entender como se dão as interações e a forma de se comunicar com alguém através das mensagens digitais a distância. E eu ainda estava no começo de tudo isso.

Ao contrário dos outros entrevistados, Stéphanie e Jesiane se conheceram no mundo virtual e começaram a conversar *on line* em Maio de 2014. Stéphanie comentou: “Existia um aplicativo, não sei nem se existe ainda, que se chama Brenda, ou se chamava Brenda, e assim como existe o Tinder. Hoje em dia, assim como existem aplicativos que são voltados para o público gay de homens, existia o Brenda para lésbicas”.

O Brenda Lesbian Dating é um aplicativo de encontros gays do sexo feminino, suas funções estavam em: Oferecer tradutor integrado para facilitar o bate-papo com mulheres estrangeiras, permitir adicionar os contatos no favoritos, bloquear o acesso ao aplicativo, e usar o sistema de geolocalização para saber quais contatos moram ou estão na região mais próxima do usuário.

Jesiane, que também fazia uso do aplicativo seguiu com a palavra:

No princípio, a iniciativa de falar foi minha, me despertou interesse, fui dar um oi e dias depois eu recebi um oi de volta. Ai pronto, a gente começou a se comunicar apenas por lá (pelo Brenda). Porque assim, querendo ou não era uma forma até de se resguardar, porque assim, eu não sabia quem era direito e tal. Até passar uma coisa mais pessoal - como meu número do whats app -, levou umas semanas até sentir mais segurança na conversa, e foi aí que a gente trocou o número do telefone pra se comunicar pelo whats app.(Entrevista com Jesiane, 2018).

Jesiane disse que sentir segurança era importante e falou sobre o facebook, pois segundo ela e Stéphanie, só repassaram o endereço do facebook quando sentiram-se confortáveis e seguras uma com a outra. Segundo elas, o facebook seria o local onde a verdade apareceria sobre elas, porque tudo que foi conversado antes no Brenda app e no Whats app, apareceria alí no facebook. Informações que, através das fotos e publicações uma da outra, poderiam desmentir o que ambas já haviam conversado. De Maio de 2014 a 12 Julho de 2014, elas se comunicaram virtualmente, até o dia em que se apresentaram pessoalmente. Mas os diálogos entre elas não se orientavam para o relacionamento amoroso ainda.

Jesiane é Cabedelense e Stéphanie é Pernambucana, daí já se percebe a distância. Mesmo assim, elas resolveram ter um relacionamento que se iniciou no mês de Agosto - mês em que Jesiane viajou para passar 3 meses no Rio de Janeiro, quando a relação a

distância foi mantida, apesar de todas as dificuldades, somadas ao cotidiano de trabalho e estudo de ambas.

Com a volta de Jesiane a Cabedelo, elas mantiveram relação a distância durante 2015, já que Stéphanie vivia em Pernambuco, até o momento em que decidiram viver juntas. Conforme Stéphanie: *Primeiro que, hoje em dia, ainda é melhor essa questão da comunicação, através de ferramentas, mas na época a gente mal tinha uma chamada decente, digamos assim, de whats app.* Stéphanie falou das dificuldades de se estabelecer uma comunicação mais flúida devido às limitações técnicas das ferramentas que melhoraram ao longo do tempo e citou o aplicativo Hangout (semelhante ao whats app, que era usado para chamadas vídeo, ainda que elas não usassem muito esse recurso, dando prioridade à comunicação direta pelo celular).

Quando perguntei a elas se encontraram problemas de comunicação quebrada ou problemas com a sincronia de respostas por meio de aplicativos, ambas falaram que em um momento ou outro aconteceu a falta de resposta imediata ou diálogos interrompidos. Mas que isso nunca gerou um grande desentendimento. Ambas entraram em acordo para manterem a comunicação sempre clara e com respostas claras e explicativas independente de uma ou outra não poderem responder no momento.

Jesiane disse que nas vezes em que houve uma interrupção de diálogo ou uma mensagem que recebia e não podia responder de imediato, ambas enviavam uma pra outra uma breve justificativa, explicando o motivo da conversa ser interrompida ou de uma mensagem não respondida logo após recebimento. Percebi que a sincronia entre elas estava acontecendo mesmo que não fosse imediata, pois a comunicação clara entre elas, reparava as falhas no atraso de resposta. Jesiane afirmou que: *Com relação aos contras de se comunicar por aplicativos ou ligação, a gente nunca teve muito problema com relação a isso, por que a gente sempre falou tudo uma pra outra.*

Conforme Stéphanie:

Eu acho o seguinte, todo o casal, não importa se ele tá presente, o principal é a confiança, é o que dá a estrutura pra o que a gente sente, como o amor, é a parceria mesmo. Se chegar pra mim e falar: é possível manter um relacionamento a distância? É, porque o que eu vivi por muito tempo se baseou nisso, na minha

cabeça tudo se constrói no começo. Já o negativo é o fato de não estar realmente perto da pessoa.(Entrevista com Stéphanie, 2018).

Ao que Jesiane acrescentou: *Às vezes você passa por alguma coisa no dia a dia e a pessoa não tá aqui e isso é o ponto negativo.*

Durante a conversa, Jesiane comentou sobre uma situação que gerou má interpretação e expectativas não correspondidas. Apesar de não entrar em detalhes, ela deixou claro que algumas vezes houve interpretações erradas por não entenderem emoções geradas nas frases, o que levava a uma interpretação literal de coisas que eram figuradas. E Stéphanie complementou: *Quando a gente fala, a gente percebe tons de ironia, percebe se tá falando feliz, se tá falando triste, então por não saber a forma como ela estava falando, me fez ter uma interpretação completamente equivocada. Talvez se fosse um áudio gravado, eu também não sei se eu entenderia.* (Entrevista com Stéphanie, 2018).

Ao final da entrevista, perguntei se elas queriam acrescentar algo mais da experiência e Jesiane respondeu o seguinte: *Com relação a se vale a pena, super vale a pena manter um relacionamento a distância. Porque tem gente que pode até ver essa questão de relacionamento a distância como um empecilho, claro que tem pessoas que não têm maturidade pra isso. Como observou Stéphanie: Tem gente que não tem maturidade pra um relacionamento físico.* Sobre a relação a distância, Jesiane finalizou: *Eu acho que não é pra qualquer pessoa não, não é pra qualquer um não.*

Entrevista - Ronaldo Tavares Ramos, 35 anos. Profissão: Marítimo. Relacionamento à distância atualmente.

Ronaldo é um amigo de longa data, lembrei-me de sua atividade profissional como Marítimo e resolvi conversar com ele sobre o tema do meu trabalho acadêmico. Ele me contou sobre as dificuldades enfrentadas em relação a família quando passou a trabalhar fora:

Eita, a saudade, né? Na época Ylana (filha) era pequena, acho que tinha 1 ano e pouco, quando eu comecei. O que foi ruim mesmo, foi mais foda, foi quando eu cheguei, quando eu passei dois meses lá procurando emprego, até arrumar, e passei mais um mês trabalhando e ela ainda era pequena, tava começando a andar, aí esses momentos eu perdi, sabe? E quando eu cheguei aqui, o que foi mais foda

mesmo foi quando ela não me conheceu, mano, isso aí que é fogo. E aos pouquinhos é que ela ia se acostumando de novo, aí quando foi na(...) Teve um embarque aí, quando eu tava saindo daqui pra ir trabalhar, aí ela me acompanhou, ela e Maria Ana (esposa), me acompanharam até ali no portão. Era pequenininha, quando eu fui saindo ela viu que eu tava indo embora, e depois que se acostuma, aí depois que o cara volta é aquela cola. Aí quando eu fui embora ela ficou olhando eu pegar o trem (em Cabedelo) pra pegar o ônibus lá em João Pessoa, porque na época eu embarcava em Natal, aí eles (empresa) não davam passagem, a gente ia por conta própria. Aí quando eu tinha que chegar em Natal, quando saí de casa que fui dobrando a esquina que eu olhei pra trás ela (filha) tava no braço da Dona Maria (esposa) olhando assim como sem entender, aí ela foi e esticou os braços assim(...) Rapaz só foi eu olhar pro outro lado e, ôxe, a lágrima desceu na hora, mano. (Entrevista com Ronaldo Tavares, 2018).

Diante de várias coisas acontecendo na vida de Ronaldo distante de casa, entrei no assunto pertinente à comunicação e perguntei sobre como era feita a comunicação dele com sua esposa e familiares. E que aparelhos usavam pra se comunicar:

Lá na área onde eu trabalho não pega celular não, é tudo via satélite. Tem um telefone lá chamado VSAT, que é telefone via satélite que pega em qualquer lugar, só que a ligação não fica normal. Ela tem um atraso de um segundo, um segundo e meio, não é igual quando o cara tá em terra que fala aqui e é imediato. Um dia sim, outro não, ligava pra casa quando tava perto dele (filho) nascer, perguntava: olha como é que tá aí, tá tudo certo? Ela(esposa) dizia que tava.

Aí quando ligaram num horário que não é típico dela ligar, aí eu já saquei que o moleque vai nascer. Na época a gente se comunicava por pelo VSAT, há 5 anos atrás. Hoje, Rafalel (filho) tá com 5 anos. Agora na atualidade tem um perímetro lá que a gente tem que cobrir, o barco que eu trabalho é o Oil Recovery (barco que faz a contenção e remoção de óleo vazado pelas plataformas ou em outro navio pra não deixar o óleo chegar na terra) ele sempre fica em stand by caso tenha algum vazamento de óleo. Aí tem um pontinho lá no perímetro que dá pra afastar um pouco o barco, deixar ele bem no cantinho assim do perímetro e lá da pra pegar celular e pega sinal de celular um pouco mais próximo de terra. Aí o comandante passa o dia inteiro rondando no perímetro, e quando é a noite ele

desce o barco lá pra esse ponto onde pega celular, pra todo mundo. O pessoal utiliza e fala com o pessoal em casa. Agora tá bem mais fácil, na época que Rafael nasceu não tinha nem internet nos navios ainda. Agora já tem. (Entrevista com Ronaldo Tavares, 2018).

Perguntei a Ronaldo se hoje eles conseguem falar pelo celular independente de estar no perímetro citado por ele, sua resposta foi: *Tem que estar lá, nesse ponto específico, porque não pode sair da área, se sair da área leva multa.*(Entrevista com Ronaldo Tavares, 2018).

Diante das dificuldades de estabelecer o contato devido às restrições técnicas de comunicação que Ronaldo passava, perguntei quais outras dificuldades, problemas ou não se davam durante as falas a distância, se a comunicação era quebrada, se havia falta de entendimento, entre outras situações que comprometiam a sua comunicação com sua família e em especial com sua esposa.

O sinal do celular, lá tem dia que ele funciona normalmente, dependendo da operadora ele não pega. Lá a gente utiliza mais a operadora Vivo, é a única lá na área onde a gente tem uma cobertura boa, o pessoal que usa telefone Claro, Tim, eles dificilmente conseguem ligar pra casa. O meu telefone era Tim, aí pô, tinha uns caras lá que tinham telefone da Vivo num embarque desses, aí eu tô doido pra ligar pra casa, eu passava horas tentando, ia pra sete da noite, sete meia e ficava tentando, não pegava, chamava duas vezes e caía, isso quando eu tinha a outra operadora, a operadora Tim. Aí eu vendo o pessoal lá tudo falando, eu: pô, cara vocês tão conseguindo falar com o pessoal em casa? Aí a galera “tá” E qual a operadora que vocês usam? Aí um amigo disse: é a da Vivo, a única que pega aqui. E o comandante, por ele ter também o telefone da Vivo, ele puxava o barco mais pro lado que pegava o sinal dessa operadora. Quem tinha a operadora Oi ferrava, tinha que usar o Vsat. Quando foi no embarque seguinte, eu comprei um chip da operadora Vivo, e agora todo dia eu consigo ligar pra casa, são raras as vezes que eu não consigo ligar pra casa. (Entrevista com Ronaldo Tavares, 2018).

Pedi a Ronaldo que me falasse como era falar pelo Vsat e pelo celular, qual a diferença que gerava na comunicação dele com sua esposa.

Pelo Vsat, tinha vezes quando ela (esposa) ia começar a falar alguma coisa e eu começava a falar aqui também, tinha aquele atraso de segundos. Cruzava uma na outra, aí eu parava pra escutar e quando ela escutava minha voz aqui, ela também parava. Eu disse para fazermos o seguinte: tu vai falar, eu vou esperar até um segundo e meio, se tu ficar calada aí eu começo a falar também e vice-versa, quando eu começar a falar tenta não interromper por que aí corta o raciocínio do cara e fica naquele negócio que fica meio ruim de entender. O Vsat é assim, se não tiver outro jeito é aquele mesmo, o único jeito de falar com o pessoal em casa. Teve um problema uma vez (...) Porque volta e meia a gente tem uns desentendimentos. E assim, eu combinei com ela, se for um negócio importante, pra gente trocar uma ideia, com relação aquele problema específico. Mas se for um problema assim que (...). Eu não tenho como fazer nada, lá (navio) eu não resolvo nada, quem tem que resolver é ela aqui. Agora se ela quiser alguma orientação ou dica, aí eu digo, faz de tal jeito que ficar melhor. (Entrevista com Ronaldo Tavares, 2018)

Perguntei se através do Vsat houve algum momento que gerou uma confusão de interpretações do que ambos diziam um para o outro e como foi a experiência com o celular. Segundo Ronaldo: *Não, não, com o Vsat não, que eu lembre não. Pelo celular já teve já. O que teve foi uma não sincronia, o que tava se conversando, entre eu, ela (esposa) e meu irmão. Nesse situação de desentendimento, Ronaldo estava usando o Whats App.*

Perguntei sobre a importância do celular na comunicação dele com a família e se faziam uso do computador e ele disse que *O celular é o único meio que a gente tem de se comunicar. Quanto ao uso do computador?*

Não, não usa não, inclusive lá é proibido usar a internet do navio, a internet lá é só pra trabalho, não pode usar pra fins pessoais, eles não deixam a gente conectar o computador no cabo, na rede pra tentar falar com o pessoal em casa. É só com o celular mesmo, na restrição dos pontos do perímetro que tem sinal. (Entrevista com Ronaldo Tavares, 2018).

Perguntei como ele percebe essa comunicação a distância no relacionamento deles.

Esse é o lado bom da coisa, o celular e a distância, tem como a gente falar com eles enquanto a gente tá lá, e tem aquele lance da saudade. Com relação à Dona Maria, minha esposa, eu acho que no final da folga ela já tá de saco cheio de mim e eu de saco cheio dela, né? Aí quando a gente vai embora e passo esse período distante, aí bate aquela saudade, a gente sente falta da pessoa, sente falta das crianças. O celular ele aproxima, ele aproxima a gente. (Entrevista com Ronaldo Tavares, 2018)

O discurso de Ronaldo esteve mais direcionado ao campo afetivo no tocante aos seus filhos. Durante nossa conversa, vi que sua reação ao falar da distância da esposa era menos impactante, devido ao fato deles entenderem a situação e saberem lidar com o distanciamento. Porém, com as crianças, a situação era frustrante. Não dava para atenuar isso com diálogos vazios com as crianças por meio do celular ou outro recurso digital, quando elas sequer tinham idade para compreender tudo o que acontecia.

Ronaldo não fez críticas ao sistema de comunicação via celular, pois entende que o espaço em que se encontra não o possibilita ter uma comunicação sempre satisfatória. Ao contrário, vê o celular como único recurso possível que atende melhor as suas necessidades, diante da sua situação e espaço de trabalho... Quando Ronaldo me relatou sobre um ponto no perímetro náutico que dava acesso a sinais de telefonia celular e como o comandante do navio circundava esse ponto e se aproximava dele para obter sinal, fiquei imaginando como todos ali confinados num barco estavam se sentindo ao buscar um mínimo de contato com suas famílias e como é até triste pensar nisso quando há forças externas que dificultam.

Entrevista - Maria Ana do Nascimento Ramos, 35 anos. Profissão: Do lar. Relacionamento a distância atualmente.

Após a entrevista com Ronaldo Tavares, busquei ouvir também Maria, sua esposa. Ela me disse o seguinte:

No começo foi muito difícil, foi logo quando eu fiquei grávida, minha gravidez era de risco. A distância, o momento emocional, tudo correndo ao mesmo tempo, isso foi o mais difícil. Tipo, quando tem uma ocasião especial, final de ano, aniversário, quando Rafa (filho) nasceu, ele (marido) também não tava, aí a gente ficava na

expectativa se ele vinha, se ele não vinha. Acho que a pior dificuldade é essa, é a distância com relação tanto comigo quanto com as crianças, porque ele fica muito distante deles. A gente que é adulto, a gente sabe como é, eles (filhos) não entendem. Hoje quando ele viaja, eles já entendem que ele vai e que ele volta. Mas antes, quando Ronaldo viajava, no dia seguinte eles ficavam procurando o pai, andavam pela casa todinha, achavam que o pai tava brincando de se esconder, acho que o mais difícil é isso, o vínculo dele com as crianças. Ele não viu os meninos começarem a andar, certas coisas que passam e não vai voltar atrás, não volta. (Entrevista com Maria Ana, 2018).

Perguntei a Maria como foi a experiência de se comunicar com Ronaldo através do Vsat, já que foi citado por seu esposo esse meio de comunicação.

No início foi ruim, porque eu falava (...) e ele demorava a responder. É, eu ficava chateada, por que eu falava e daqui a pouco ele dizia “repete aí”. Eu achava que ele não tava querendo (...). Às vezes, ele chega no final do dia, que é a noite o horário que a gente se fala, aí quando ele chega, ele diz: “oi, já vou dormir”. Fala um pouquinho (...). Tem dia que eu fico pê da vida mesmo, porque eu esperei o dia todo, né? E esse telefone (Vsat) é horrível, esse telefone é muito ruim, porque demora, e às vezes ele passava dois, três dias sem conseguir ligar pra casa. Quando ligava desse telefone, era pra falar duas palavras, “como é que tá aí?”, “tudo bem”. Aí ele me explicou que ele tinha que falar e eu esperar chegar, depois eu falava, ele esperava pra depois responder, aí a gente conseguia um pouco mais. (Entrevista com Maria Ana, 2018).

Segundo Ronaldo, o casal não usava o computador, apenas o Whats App pelo celular. Pedi para Maria falar sobre a comunicação entre eles através do celular.

A comunicação é assim, de manhã ele dá bom dia e eu tô dormindo, seis horas da manhã, aí eu não respondo, eu tô dormindo. Aí, eu às vezes acordo e vejo que o celular tá vibrando e respondo, mas não é toda vez. E a noite é quando eu falo mesmo com ele, às vezes dou bom dia de manhã e ele só vai responder a noite. (Entrevista com Maria Ana, 2018).

Perguntei a Maria se houve alguma falta de entendimento por algum problema técnico ou desentendimento entre eles em virtude dessa comunicação, ela falou: *Já, já*

aconteceu deu precisar falar com ele, da gente ter um assunto urgente e ele ter que decidir alguma coisa e eu não conseguir falar com ele porque não tinha sinal. Segui com a pergunta se o mesmo acontecia com o aparelho Vsat: Não, não, e como eu não tinha telefone fixo, aí não podia ligar pra lá, ia ligar pra lá de celular como? Dez reais de crédito iam embora. Às vezes, a gente fica apreensiva, angustiada querendo saber notícias e só vai saber quando pega sinal. (Entrevista com Maria Ana, 2018).

Durante a conversa com Maria quis saber as críticas dela com relação à comunicação a distância, especificamente falando da sua experiência com Ronaldo, como ela enxergava isso, se ajudava ou não na manutenção do relacionamento deles. Ela responde:

Rapaz é terrível, tem dia que não pega telefone, aí a gente fica sem se falar, a distância a gente não sabe como a pessoa tá, ele principalmente não sabe como é que a gente tá. Que aqui a gente desenrola, o que acontecer aqui eu desenrolo, e lá? Aí eu fico pensando como é que ele tá. Aí não pega telefone, aí uma vez ou outra eu ligo pra lá quando passa três, quatro dias aí eu ligo, mas antes não era assim, ainda era pior. No início passava uma semana sem resposta, imagina, e a cabeça dele, como tá em casa com as crianças? (Entrevista com Maria Ana, 2018).

Vi que o aparelho celular era um elemento indispensável na comunicação do casal, ela expõe o celular como uma necessidade básica como água. Para ela não deveria haver limitações ou falhas técnicas devido à condição que o marido se encontra em alto mar, com comunicação muitas vezes restrita. Em suas palavras:

Com certeza! Pra mim era pra ter isso aí... Tinha que ser, como eu vou dizer?... A água, se faltar água no barco? Acho que isso não era pra eles limitarem, era pra eles pelo menos poderem ligar pra casa de uma forma mais direta. Pra Ronaldo ligar pra casa, ele não gosta (referindo-se a ligação pelo Vsat). Quando ele vai ligar pra casa, ele diz assim: “amanhã ou depois se não pegar sinal eu ligo”. (Entrevista com Maria Ana, 2018).

Fica claro que o Vsat é o último recurso para o contato em falta total de sinal de telefonia. Segundo Maria, seu esposo só utiliza tal recurso em situações realmente emergenciais. Já no âmbito afetivo, perguntei a Maria como é falar sobre coisas que pertencem à intimidade deles. Ela falou:

O telefone de Ronaldo não pega chamada de vídeo. Às vezes, eu quero mostrar um negócio a ele, como é que eu vou mostrar, eu tenho que mandar foto. Às vezes, quando pega o sinal, aí tem um monte de homem ali (pessoas do trabalho próximo a Ronaldo), aí ele não quer atender. (Entrevista com Maria Ana, 2018).

A fala de Maria mostra que a intimidade do casal acaba sendo afetada, mesmo não entrando em detalhes, ela menciona de forma implícita que muitas vezes gostaria de expressar mais seus sentimentos mesmo que este seja mediado por uma comunicação virtual, mas que as circunstâncias do esposo em serviço, bem como o ambiente em que ele se encontra, colabora para que isso não flua com naturalidade. Além da dinâmica do não imediatismo nas respostas que se mostrou outro problema para o casal.

Quando eu mando uma mensagem no Whats App, que eu vejo que ele tá Online e ele demora a responder, eu fico muito brava mesmo, porque eu digo: tá falando com quem? Ele: tô falando contigo, é por que demora a chegar a mensagem. Aí a pessoa já fica com um monte de coisinha de grilo na cabeça. (Entrevista com Maria Ana, 2018).

Maria seguiu com sua fala sobre o desconforto na falta de sincronicidade nas respostas.

O que mais me incomoda é não ter uma internet boa que ele possa se comunicar, não pega telefone, o que mais me incomoda é isso. Porque além de estar distante, a gente não pode se falar sempre num momento que a gente mais precisa. Uma ocasião em que houve um problema na família e eu precisava falar com Ronaldo (...). Nesse dia ele ligou bastante de lá (...). Acho que se tivesse um telefone de um contato mais direto teria amenizado mais o problema de comunicação. E depois do que aconteceu (...) a gente precisava conversar e não pegava o sinal, não pegava. (Entrevista com Maria Ana, 2018).

Na entrevista com Ronaldo e Maria, a preocupação com os filhos no distanciamento deles com o pai é constatado. Maria posiciona-se não apenas como dona do lar, mas como pai e mãe ao mesmo tempo para suprir a ausência de Ronaldo até sua volta. Esse afastamento também atingiu Maria num momento delicado de sua gravidez, sem apoio do seu companheiro, teve que mediar essa situação de intermitência da presença de ambos de forma não satisfatória devido às restrições de comunicação. Sua queixa em estar

sempre na dependência de recursos que não atendem as suas necessidades de maneira objetiva, a incomoda e a aborrece. Ela se sente prejudicada por não poder manter um contato verbal mais íntimo com seu parceiro diante das condições do ambiente em que seu esposo se encontra, além das já citadas restrições de comunicação entre o casal. Mesmo com tantas dificuldades, o casal consegue manter-se informados ainda que não seja de maneira plena e satisfatória.

Considerações sobre as entrevistas

Enquanto ouvia as pessoas, cada uma com sua particularidade, percebia algo em comum a todas elas: a sensação de presença estava evidente ainda que não se tratava da presença física. Mesmo em meio às dificuldades, essas pessoas pareciam querer materializar o outro por meio das ferramentas digitais que criavam uma ponte de contato e, não, uma barreira. Atenuando assim a ausência física, propriamente dita, e possibilitando ao usuário das mais variadas tecnologias digitais, demonstrar seus sentimentos. A saudade - sempre citada -, era então acompanhada por uma certa atenuação, possibilitada pelos recursos virtuais que amenizavam esse sentimento.

A expectativa de “imediatismo” na comunicação foi frequentemente citada entre todos os entrevistados. Uns de forma mais branda, outros com duras críticas e observações. A dinâmica do imediatismo nem sempre se cumpria e isso devido a falhas técnicas e atrasos nas respostas emitidas pelos próprios envolvidos. Maria, por exemplo, relatou os aborrecimentos nos atrasos de resposta relacionados às questões técnicas e não pela falta de atenção do outro em responder prontamente. De certa forma, o imediatismo se impõe nessa nova forma de se comunicar virtualmente, com perguntas que requerem respostas instantâneas, pois os recursos favorecem essa velocidade de envio e recebimento de informação, algo que era impossível antes, com as cartas.

Mas nem sempre o tempo entre uma pergunta e uma resposta foi visto como algo negativo. Esse atraso na resposta ajudaria a pensar melhor no que dizer ao outro – como relatou Nadja: *alguns tipos de discussões podem fluir melhor, devido ao tempo que temos para pensar no que vamos responder*. E na fala de Elias, encontramos este mesmo raciocínio.

Foi relatado também que a falta de sincronicidade entre os horários de ambos os envolvidos na comunicação gerava uma perturbação na relação a distância. Conforme

Alessandra, *o tempo não dava certo*. Há aqui uma falta de constância e sincronia que acabava impactando negativamente na qualidade de comunicação entre ela e seu noivo. Alessandra também comentou que não conseguia criar muitas *raízes* no campo virtual, ou seja, não conseguia se estabelecer no ciberespaço de maneira sólida, havendo, por vezes, entaves e falta de identificação com tal espaço. Ainda no caso de Alessandra, houve a única observação, entre os entrevistados, a respeito do caráter expositivo da comunicação virtual. E isso pode explicar a dificuldade encontrada no uso das chamadas de vídeo, quando a comunicação não fluía, gerando desconforto e deixando o casal “travado”. É provável que a resistência em utilizar alguns recursos podem ter contribuído para uma comunicação não satisfatória, tal como o momento em que a mesma questionou o noivo por ter os recursos de comunicação virtual, mas não usá-los.

Apesar das críticas e observações de Alessandra, ela reconheceu que a comunicação virtual realiza o sentimento de ter, nas palavras dela, *um pedacinho daquela pessoa* - frase que se assemelha ao discurso de Elias, quando o mesmo falou que apesar de haver recursos para facilitar a comunicação, ela atenua apenas 50% do sentimento de saudade gerado pela distância.

Na entrevista com Elias, o fator *sinal fraco* foi apresentado, assim como em outras entrevistas. Este sinal é referente à parte técnica das redes de comunicação, sendo insuficiente para realizar uma comunicação clara e sem interrupções devido a falhas técnicas e/ou o não alcance de sinal em determinadas áreas. Para Elias, perde-se muito com esses problemas técnicos, pois as conversas podem se complicar, já que ocorrem interrupções de diálogos e falta de sincronia na comunicação. O entrevistado observou que os atrasos nas respostas, independente das circunstâncias, podem agravar algum problema a ser resolvido a distância. Por outro lado, Elias também descreveu a importância do tempo para pensar melhor nas respostas.

Outro ponto importante foi ouvir Nadja dizer que *a dinâmica dos relacionamentos mudaram, não há mais uma frequência na casa das pessoas*. Com isso, pensei sobre essa nova dinâmica de comunicação que se estabelece nos espaços virtuais. Uma boa notícia, uma informação importante, uma mensagem simples de feliz aniversário, todas essas coisas e muitas outras geram significados diários, sem que as pessoas estejam próximas para expor suas falas. Ligadas virtualmente por palavras, áudio, fotos ou vídeos, é possível

sanar pequenas vontades de contato, e pequenos problemas do seu cotidiano compartilhando com outros.

Observando as nuances das entrevistas anteriores e comparando com a de Jesiane e Stéphanie, pude perceber que as reclamações em torno de interpretações e expectativas de emoções se repetem. Entre o diálogo virtual e o presencial não deve haver uma dicotomia, uma diferença. Percebi, na fala desse casal, que a interação comunicativa se valia de algumas regras para o bom entendimento, mesmo em caso de mensagens que não podiam ser respondidas imediatamente. A ideia de manter uma conversa limpa, sem quebras e sem mau entendidos foi algo que resolveu o problema delas. Por meio de acordos, como um breve esclarecimento sobre o porquê de não poderem se comunicar naquele momento, era suficiente para evitar outros problemas. Nesse sentido, percebo que a maturidade é importante para compreender que não é a ferramenta em si a causa dos problemas, mas como ela é usada.

Assim como nas outras entrevistas que realizei, algumas falhas de interpretação sempre surgiram durante as conversas virtuais. Um quesito importante percebido, é que as pessoas criam expectativas de emoções nas conversas que, muitas vezes, não atingem a reação esperada do receptor. Entendo que os possíveis desentendimentos e más interpretações existem também fora do campo virtual, mas no ambiente digital isso parece ser mais agravado. Nas palavras de Stéphanie, sobre uma conversa via mensagens de texto, ela disse que *talvez se fosse um áudio gravado, eu também não sei se eu entenderia*. Percebi que ela estava ciente de que a comunicação, mesmo com o áudio, também poderia incorrer em falhas do mesmo modo, como numa comunicação presencial.

Alguns casais criaram estratégias para manter a comunicação e torná-la mais direta e objetiva. Tais estratégias englobam: o aparelho a ser usado (celular, *tablet*, computador), os horários disponíveis para o contato, o recurso para as conversas (texto, áudio, vídeo) e as regras que estabelecem para o tipo de conversa. É interessante como as pessoas adequam os recursos digitais de comunicação as suas condições cotidianas, ao mesmo tempo em que se adaptam às novas tecnologias. Nessas adaptações mútuas, formas de estabelecer o contato a distância são reinventadas.

De acordo com as análises das falas dos entrevistados, há um elemento muito importante para essas pessoas: o celular – que desempenha o papel mais fundamental nessa relação de distância intermitente. O fato de ser portátil e multifuncional, conferiu ao celular o título de “indispensável”. Para o entrevistado Ronaldo, o celular se tornou

indispensável, não pelo fato das múltiplas funções que tais dispositivos também oferecem, mas por ser uma ferramenta que o mantinha próximo sentimentalmente de sua família. Em suas palavras, *o celular ele aproxima, ele aproxima a gente*. Compreendi aqui que não estávamos falando apenas da distância física, mas a sentimental, emocional, que o atingia muito mais quando essa se referia a seus filhos.

Com muitas variantes de como cada casal compreende e faz uso da comunicação a distância, foi possível perceber que há um equilíbrio entre as visões dos participantes. Não foi observada grande discrepância entre as sensações, positivas ou negativas, das pessoas com relação ao campo virtual. É notório que todos os envolvidos na pesquisa compreendem as limitações da comunicação virtual a distância e, por isso, buscam meios de sanar as adversidades que surgem para conseguirem manter o contato com seus cônjuges. Daí surge uma multiplicidade de formas de lidar com essa dinâmica da virtualidade.

Considerações Finais

Acompanhamos hoje uma evolução constante nas formas de se comunicar a distância, das quais temos recursos que criam pontes de comunicação com o mundo. Atualmente, não temos mais que esperar, basta pequenos toques no teclado do computador ou do celular para digitar nossas mensagens e enviá-las para quem quer que seja, num piscar de olhos.

Quando iniciei a pesquisa, achei válida a ideia de tratar, ao menos de forma sintética, os cartões-postais e as cartas, pois quis mostrar como tais recursos foram importantes na sociabilidade a distância e como podem ter influenciado as atuais ferramentas virtuais de comunicação. Como o objetivo da pesquisa era compreender as relações entre casais que se encontram distantes por breves ou longos períodos e as influências das tecnologias virtuais para essa comunicação, as cartas e os cartões-postais me pareceram um bom ponto de partida.

Especialmente o cartão-postal mesclava mensagem e imagem ao mesmo tempo – como ocorre, muitas vezes, com a comunicação virtual atual. No cartão-postal, a imagem trazia elementos implícitos que revelava algo mais, além das palavras escritas. O cartão-postal foi essencial para a comunicação de mensagens ilustradas, mas também para o romantismo existente entre casais que precisavam demonstrar sua afetividade e intenções de forma sutil, não despertando interesse aos olhos dos outros, já que o mesmo não possuía invólucro. As cartas, por sua vez, com as palavras protegidas em um envelope possuíam funcionalidades diversas: carta de amor, de cobrança, um comunicado do trabalho, etc. A carta cumpriu também seu papel como grande influente nas tecnologias de comunicação via mensagens virtuais.

Surge então a *internet*, a grande rede de comunicação via computadores. E com ela uma série de recursos inovadores para a comunicação como o *e-mail* que impactou o mundo com sua velocidade de informação. Empresas, órgãos públicos e pessoas comuns podiam desfrutar dessa tecnologia que nos fazia receber uma carta digital em segundos. Ainda que o *e-mail* represente um grande avanço na comunicação a distância devido a sua velocidade e versatilidade de elementos que poderiam ser anexados à mensagem - como imagens ou cópias de documentos -, essa forma de comunicação ainda foi superada em termos de sincronidade pelas mensagens instantâneas.

Os *chats* ganharam popularidade através de programas como o *ICQ* e o *MSN*. Essas tecnologias de mensagens instantâneas, proporcionavam salas de bate-papo particulares e/ou em grupos, o que dinamizou a forma como as pessoas se socializavam virtualmente. Ao

contrário do *e-mail*, em que havia uma espera de segundos ou até minutos de resposta, o que já era impressionantemente rápido, nos mensageiros instantâneos isso era imediato.

A *internet* que englobava toda essa comunicação por *e-mail* e *chats*, ainda estava em desenvolvimento no Brasil e funcionava por meio da chamada *internet discada*¹². Mais lenta e com suporte precário, não oferecia uma experiência totalmente satisfatória. Com os avanços, surgiu a *internet via rádio*¹³, baseada na transmissão de dados por antenas, com melhorias em relação à discada. Os avanços continuaram com a *internet banda larga*¹⁴ e *fibra óptica*¹⁵. Todas essas evoluções foram significativa para atingirmos a fluidez de acesso que temos hoje, não ignorando os possíveis problemas técnicos e de suporte que ainda enfrentamos.

Com as transformações da *internet* em sua estrutura comunicacional, redes sociais foram surgindo. O extinto Orkut, trazia consigo a possibilidade de criar comunidades para debater e informar sobre assuntos específicos, bem como para divertir com temas de humor. O Orkut foi uma rede social de grande sucesso no Brasil sendo utilizado por alguns entrevistado da minha pesquisa. Sua desativação se deu pelo avanço de outras plataformas como o Facebook, com melhorias para comunicação em rede.

Mas foi com Whats App que os entrevistados mais se identificaram para estabelecer a comunicação entre pares, já que o aplicativo para celular proporcionava, uma “sala” privada para conversas particulares. Imagens, sons e vídeos podiam ser compartilhados entre os envolvidos, além de vídeo chamadas em tempo real. É fato que o *MSN*, já possuía esses elementos, porém se restringia aos computadores e não teve sucesso nos celulares, sendo assim descontinuado. Os desenvolvedores de aplicativos estavam se esforçando para melhorar cada vez mais a experiência de comunicação por aplicativos como o Whats App, tanto que outras plataformas similares foram surgindo, tal como o Telegram e o Hangout como alternativa ao popular Whats App.

Todas essas inovações para a comunicação fizeram com que casais que se encontrassem distantes, tivessem uma gama de variedades de recursos para se contactarem. Com tantas possibilidades, as redes de relacionamento também se mostraram presentes. A exemplo disso,

¹² [informática] Dados de internet são transmitidos da mesma forma que os de voz, em sinais de áudio (através de uma linha telefônica). <http://www.tely.com.br/internet-discada-a-banda-larga/> - Acesso em 31 de Agosto de 2019.

¹³[informátia] Dados Transmitidos por rádiofrequencia[...] possibilita também um grande tráfego de dados. <http://www.tely.com.br/internet-discada-a-banda-larga/> - Acesso em 31 de Agosto de 2019.

¹⁴ [informática] Dados são transmitidos em maior escala e com mais velocidade e comunicação via satélite ou a rádio. <http://www.tely.com.br/internet-discada-a-banda-larga/> - Acesso em 31 de Agosto de 2019.

¹⁵ [informática] Tal material possibilita manter o tráfego de dados com maior velocidade, estabilidade, segurança e performance. <http://www.tely.com.br/internet-discada-a-banda-larga/> - Acesso em 31 de Agosto de 2019.

vimos o Brenda Lesbian Dating, um aplicativo voltado para a formação de relacionamento entre o público gay feminino.

Com tantas mudanças tecnológicas para melhorar a forma como nós nos comunicamos no ciberespaço, as operadoras de telefonia têm estendido seus serviços a fim de garantir que todos tenham acesso não apenas ao serviço de chamada de voz, mas que consigam se conectar à *internet*. As dificuldades técnicas em lugares remotos, foi percebida pelos marítimos Elias e Ronaldo, que, por vezes, usaram a comunicação via satélite, como o telefone VSAT, encontrado em navios para manter contato com as famílias em situação de emergência. Também em lugares remotos houve estratégias e logísticas específicas para conseguirem estabelecer contato com seus parentes e familiares. Enfim, as dificuldades técnicas observadas, que firmaram-se principalmente no *signal fraco* ou ausência de sinal, são problemas que ainda persistem na atualidade em certos casos.

Diante do exposto, verifico nas análises de todas as experiências coletadas para a pesquisa que, não há um padrão definitivo de comportamento dos casais no uso das tecnologias virtuais. Os participantes adequam os recursos que lhes são apresentados às suas necessidades e adaptabilidades, ou seja, elas personalizam a maneira como estabelecerão o contato com o outro em períodos de distanciamento intermitente, e para tal, criam regras particulares à situação do casal. Também foi observado, com certa frequência, alguns desentendimentos, má interpretação e a falta de resposta imediata.

Dentre os recursos mais utilizados, aparecem os celulares por chamada de voz aliados aos aplicativos de mensagens instantâneas, sendo o What's App o mais utilizado atualmente. Foi registrada falta de entendimento e/ou não adaptabilidade da dinâmica de comunicação no ciberespaço, mas em momento algum, foi registrado falta de habilidade no uso dos aplicativos de mensagens de texto e voz, dentre os casais – com exceção dos meus pais, em tempos anteriores.

Durante o processo de análise dos relatos, identifiquei uma performance interessante entre os entrevistados, uma espécie de acordo que os mesmos estabelecem para manter o contato e a comunicação fluida. Tal acordo é realizado antecipadamente ao contato virtual independente de ser chamadas de voz ou somente mensagens de texto, evitando diálogos textuais incompreensíveis ou com atrasos de resposta, sendo esta última, reclamação pontual entre os participantes levando à falta de sincronidade na comunicação.

Quanto ao fator distância, os entrevistados reagiram em sua maioria de forma emotiva. Apesar de se mostrarem compreensivos em relação à condição de distanciamento, ainda que de forma intermitente, as queixas não estavam ausentes nos seus discursos. O que reforçava o

sentimento de distância eram os acontecimentos importantes da vida de cada um, como o nascimento de um filho ou a enfermidade de um parente que necessitaria de auxílio do ausente e etc. A presença física, nesse contexto, durante minhas análises, tornava concreto o apoio necessário em momentos difíceis, mas também não quis dizer que a presença virtual não fosse significativa, já que essa é essencial para atenuar o sentimento de saudade, amenizar os impactos causados pela distância como, por exemplo, nos casos em que se perde a oportunidade de estar fisicamente próximo à família em momentos importantes.

Quando iniciei a pesquisa que deu origem a esta monografia, “Relacionamentos a Distância e Tecnologias Virtuais”, não imaginava como a pesquisa mexeria tanto comigo. Os diálogos com os participantes e, em especial, os que faziam parte da minha família e parentes, trouxeram uma carga de sentimentos que eu não esperava encontrar. Não foi minha intenção inicial me expor como participante do que ocorria com meus pais ao encararem a distância, porém, penso que seria um vazio a ser preenchido, caso eu não expusesse as minhas sensações.

Conhecer as experiências das pessoas me causou surpresas, sensações boas, mas também inquietantes e emotivas. Busquei por pessoas, pelas suas histórias, experiências particulares de sentimentos envolvidos, algumas com tons de alegria, tristeza, determinação, duradouras e também efêmeras. Mas a maior de todas as experiências foi tomar consciência de que eu ainda estou aprendendo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70 ed. Lisboa: 2009.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BOUVET, Nora Esperanza. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: EUDEBA, 2006.
- BACKES, Dirce Stein. et al. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. Revista Mundo da Saúde, São Paulo, v. 35, n. 4, 2011, p. 438-442.
- BALDANZA, Renata Francisco. **A Comunicação no Ciberespaço: Reflexões Sobre a Relação do Corpo na Interação e Sociabilidade em Espaço Virtual** - Trabalho apresentado ao NP Tecnologias da Informação e da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**; tradução Carlos Alberto Medeiros, - Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.
- COSTA, Nicolaci A.M. **Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo** - Psicologia & Sociedade; mai/ago.2005 p.50-57.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- GOMES, Márcia C. M. **A internet e o poder da comunicação na sociedade em rede: Influências nas formas de interação social** - Revista metropolitana de sustentabilidade - rms, São Paulo, v. 3, n. 3, set./dez. 2013, p. 102-115.
- GROTH, Ferraboli. **Entre o Real e o Virtual: Análise da Sociabilidade Vivenciada nos Relacionamentos a Distância e Presenciais** - Trabalho apresentado ao componente curricular, Introdução à Pesquisa em Psicologia Social. UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Nov. de 2009. 22 p.
- LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MACHADO, T. M. B. **Cartões-postais: produção do espaço turístico do Rio de Janeiro na modernidade**. Revista Geo-Paisagem (*Online*), 2002, v. 1. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/Cartões-Postais.htm>. Acesso em: 12 Ago. 2004.
- MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAÚJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração.** Pesquisas e Práticas Psicossociais. 12 (2), São João del Rei, maio-agosto/ 2017, p. 466- 485.

RAYMOND, Quivy; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais.** Tr. João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Revisão: Rui Santos. 4º edição, Ed. Gradiva Publicações: Lisboa, 2005.

RAMOS, Jair de Souza; FREITAS, Eliane Tânia. **Dossiê: Etnografia Digital.** Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, 1. sem. 2017, p.8-15.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve da pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas. Campinas, 2014, 203-220.